

**As rotinas da criança em idade escolar: Um estudo de adaptação e validação da versão portuguesa do *Child Routines Questionnaire***

**Catarina Filipa Barroso Pereira**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Psicologia Clínica e da Saúde**  
(2º ciclo de estudos ou mestrado integrado)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Marta Pereira Alves  
Co-orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Sofia Major

**julho de 2021**



## **Dedicatória**

Ao meu avô paterno e aos meus avós maternos. Sei que estão orgulhosos de mim onde quer que estejam.



## **Agradecimentos**

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Doutora Marta Alves, pela compreensão, disponibilidade e por todas as palavras de incentivo e motivação que foram essenciais para a concretização deste trabalho. À minha co-orientadora, Prof.<sup>a</sup> Doutora Sofia Major, pelo rigor exímio das suas correções, disponibilidade e por todas as palavras de incentivo e motivação que foram igualmente fundamentais para a realização deste trabalho.

Aos meus pais, um enorme obrigada, por me proporcionarem a oportunidade de completar mais uma etapa da minha vida. Obrigada por acreditarem sempre em mim e pelo apoio incondicional. Espero deixar-vos sempre orgulhosos.

Ao meu pequeno tesouro, a minha irmã, por me dizer todos os dias “Gosto muito de muito de ti, tu consegues mana”. Palavras que me aconchegam o coração e que me deram força e motivação para ultrapassar as dificuldades e concluir esta etapa.

À minha avó e à minha madrinha (tia-avó), por todas as palavras de conforto.

À Cindy, por estar sempre presente! Pela compreensão, por todas as palavras de conforto e motivação, por acreditar em mim. Para sempre, no meu coração!

À Mariana, Ana, Margarida e Sónia por todos os momentos passados durante estes cinco anos. Por todas as lágrimas e sorrisos, que partilhamos juntas. Por todo apoio e motivação quando mais precisei. Levo-vos no meu coração!

A todos, Muito Obrigada!



## Resumo

A literatura tem vindo a enfatizar a importância das rotinas, na medida em que estas proporcionam estabilidade e previsibilidade à vida quotidiana das famílias, o que contribui positivamente para o desenvolvimento das crianças. Têm sido desenvolvidas algumas medidas de avaliação das rotinas, mas, em Portugal, ainda se verifica uma escassez de instrumentos que avaliem as rotinas das crianças em idade escolar. O objetivo geral da presente investigação passa pela adaptação e validação para população portuguesa do *Child Routines Questionnaire* (CRQ; Sytsma et al., 2001), um instrumento de autorrelato dos pais desenvolvido para avaliar as rotinas das crianças em idade escolar. A investigação integra dois estudos distintos. O Estudo 1, de carácter exploratório, incluiu um total de 104 mães e pais de crianças com idades entre os 6 e os 12 anos ( $M = 8.43$ ;  $DP = 1.76$ ). O Estudo 2 envolveu um total de 142 mães e pais de crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos ( $M = 7.69$ ;  $DP = 1.09$ ), no sentido de confirmar a estrutura fatorial obtida no Estudo 1 e apresentar alguns estudos de evidência de validade. Os resultados da Análise Fatorial Exploratória apontaram para uma estrutura fatorial de quatro fatores (para 33 itens), responsável por 42.15% da variância total. A escala total do CRQ-PT e as suas respetivas subescalas evidenciaram uma boa consistência interna. A multidimensionalidade da estrutura fatorial foi confirmada pela Análise Fatorial Confirmatória, demonstrando bons índices de ajustamento ao modelo ( $RMSEA = .06$ ;  $PCFI = .78$ ). A análise da validade demonstrou correlações de magnitude fracas a moderadas com medidas que avaliam o sentido de competência parental e as rotinas na hora de jantar. A utilidade do CRQ-PT enquanto instrumento de medida válido e com boas qualidades psicométricas para avaliar as rotinas infantis das crianças portuguesas em idade escolar é enfatizada.

## Palavras-chave

Rotinas familiares; Rotinas das crianças; Idade escolar; Avaliação de rotinas; *Child Routines Questionnaire*



## **Abstract**

The literature has emphasized the importance of routines, as they provide stability and predictability to the daily life of families, which contributes positively to children's development. Some routine assessment measures have been developed, but in Portugal there is still a lack of instruments to assess the routines of school-age children. The general objective of this investigation is the adaptation and validation for the Portuguese population of the Child Routines Questionnaire (CRQ; Sytsma et al., 2001), a parent self-report instrument developed to assess the routines of school-age children. The investigation is part of two separate studies. The exploratory Study 1 included a total of 104 mothers and fathers of children aged between 6 and 12 years ( $M = 8.43$ ;  $SD = 1.76$ ). Study 2 involved a total of 142 mothers and fathers of children aged 6 to 9 years ( $M = 7.69$ ;  $SD = 1.09$ ), to confirm the factor structure obtained in Study 1 and present some studies of evidence of validity. The results of the Exploratory Factor Analysis pointed to a four-factor structure (for 33 items), responsible for 42.15% of the total variance. The total scale of the CRQ-PT and its respective subscales showed a good internal consistency. The multidimensionality of the factor structure was confirmed by the Confirmatory Factor Analysis, demonstrating good model fit indices (RMSEA = .06; PCFI = .78). Validity analysis evidenced weak to moderate correlations with measures that evaluate the parental sense of competence and routines at dinner time. The usefulness of the CRQ-PT as a valid assessment instrument and with good psychometric qualities to evaluate the routines of Portuguese children at school age is emphasized.

## **Keywords**

Family routines; Children's routines; School age; Routines assessment; Child Routines Questionnaire

As rotinas da criança em idade escolar: Um estudo de adaptação e validação da versão portuguesa do *Child Routines Questionnaire*

# Índice

Introdução .....	1
<b>Parte I. Enquadramento teórico .....</b>	<b>3</b>
Capítulo 1. Rotinas familiares .....	3
1.1. A natureza das rotinas familiares .....	3
1.2. A importância das rotinas familiares.....	5
1.3. Rotinas da criança em idade escolar .....	7
1.4. Instrumentos de avaliação das rotinas .....	9
<b>Parte II. Estudo empírico .....</b>	<b>15</b>
Capítulo 2. Material e método.....	15
2.1. Apresentação do estudo e objetivos .....	15
2.2. Variáveis em estudo.....	16
2.3. Procedimentos .....	16
2.3.1 Análises estatísticas .....	17
2.4. Instrumentos.....	17
2.4.1. Questionário sociodemográfico .....	18
2.4.2. Questionário das rotinas da criança (CRQ-PT).....	18
2.4.3. Questionário dos rituais familiares (FRQ) .....	19
2.4.4. Escala de sentido de competência parental (PSOC) .....	20
Capítulo 3. Resultados .....	21
3.1. Estudo 1.....	21
3.1.1. Caracterização dos participantes.....	21
3.1.2. Análise descritiva itens CRQ-PT .....	23
3.1.3. Análise fatorial exploratória CRQ-PT.....	24
3.1.4. Fiabilidade do CRQ-PT.....	27
3.1.5. Intercorrelações entre a subescalas do CRQ-PT .....	31
3.2. Estudo 2.....	31

3.2.1. Caracterização dos participantes .....	31
3.2.2. Análise fatorial confirmatória CRQ-PT .....	34
3.2.3. Correlações entre as subescalas do CRQ-PT e a subescala Hora de Jantar do FRQ.....	38
3.2.4. Correlações entre as subescalas do CRQ-PT e as subescalas da escala de Sentido de Competência Parental (PSOC).....	38
Capítulo 4. Discussão.....	40
Capítulo 5. Considerações finais .....	50
5.1 Contributos, limitações e investigações futuras.....	50
Referências bibliográficas.....	52
Anexos.....	61

As rotinas da criança em idade escolar: Um estudo de adaptação e validação da versão portuguesa do *Child Routines Questionnaire*

## **Lista de Figuras**

Figura 1. Análise Fatorial Confirmatória do CRQ-PT .....	<b>37</b>
--	-----------

## Lista de Tabelas

Tabela 1. Características sociodemográficas dos participantes .....	<b>21</b>
Tabela 2. Dados sociodemográficos das crianças .....	<b>23</b>
Tabela 3. Resultados da análise fatorial exploratória: CRQ-PT .....	<b>26</b>
Tabela 4. Correlações item-total e coeficiente de alfa de Cronbach com exclusão de item: CRQ-PT- Escala Total .....	<b>28</b>
Tabela 5. Correlações item-total e coeficiente de alfa de Cronbach com exclusão de item: CRQ-PT- Subescala Rotinas da Vida Diária .....	<b>29</b>
Tabela 6. Correlações item-total e coeficiente de alfa de Cronbach com exclusão de item: CRQ-PT- Subescala Trabalhos de Casa e Interação Familiar .....	<b>29</b>
Tabela 7. Correlações item-total e coeficiente de alfa de Cronbach com exclusão de item: CRQ-PT- Subescala Responsabilidades Domésticas .....	<b>30</b>
Tabela 8. Correlações item-total e coeficiente de alfa de Cronbach com exclusão de item: CRQ-PT- Subescala Rotinas de Disciplina .....	<b>30</b>
Tabela 9. Intercorrelações entre as subescalas do CRQ-PT .....	<b>31</b>
Tabela 10. Características sociodemográficas dos participantes .....	<b>32</b>
Tabela 11. Dados sociodemográficos das crianças .....	<b>34</b>
Tabela 12. Índices de ajustamento do modelo CRQ-PT .....	<b>36</b>
Tabela 13. Correlações entre as subescalas do CRQ-PT e a subescala Hora de Jantar do FRQ .....	<b>38</b>
Tabela 14. Correlações entre as subescalas do CRQ-PT e as subescalas da escala de Sentido de Competência Parental (PSOC) .....	<b>39</b>



## **Lista de Anexos**

Anexo A. Tabela síntese: Estudos internacionais que utilizaram o CRQ

Anexo B. Análise descritiva dos itens do CRQ-PT

Anexo C. Variância total explicada 12 componentes: Solução não rodada

Anexo D. *Scree Plot* do CRQ-PT



## Lista de Acrónimos

FRI	<i>Family Routines Inventory</i>
FRQ	<i>Family Ritual Questionnaire</i>
CRI	<i>Childhood Routines Inventory</i>
POC	Perturbação Obsessiva-Compulsiva
CRQ	<i>Child Routines Questionnaire</i>
ECBI	<i>Eyberg Child Behavior Inventory</i>
EUA	Estados Unidos da América
CRQ-IS	<i>Child Routine Questionnaire – Islândia</i>
CRQ-PT	<i>Child Routine Questionnaire - Portugal</i>
CRQ:P	<i>Child Routines Questionnaire: Preschool</i>
ARQ:P	<i>Adolescent Routines Questionnaire : Parent and Self-Report</i>
CRQ-CSR	<i>Child Routines Questionnaire-Child Self</i>
PHDA	Perturbação de Hiperatividade e Défice de Atenção
PEA	Perturbação do Espectro do Autismo
PAQ-C	<i>Physical Activity Questionnaire for Older Children</i>
UBI	Universidade da Beira Interior
UAç	Universidade dos Açores
PSOC	<i>Parenting Sense of Competence Scale</i>
SPSS	<i>Statistical Package for Social Sciences</i>
AMOS	<i>Analysis of Moment Structures</i>
AFE	Análise Fatorial Exploratória
KMO	Kaiser-Meyer-Olkin
AFC	Análise Fatorial Confirmatória
CFI	<i>Comparative Fit Index</i>
RMSEA	<i>Root Mean Square Error of Approximation</i>
PCFI	<i>Parsimony CFI</i>
IM	Índices de Modificação



## Introdução

As famílias organizam a sua vida diária em torno de um conjunto de rotinas, que possibilitam aos vários membros da família realizarem de forma estruturada e eficiente as suas atividades do quotidiano (Fiese et al., 2002). As rotinas familiares ocorrem com regularidade no dia-a-dia da família, podendo ser caracterizadas como um fator de proteção do bem-estar familiar, que proporciona uma sensação de estabilidade, continuidade e segurança ao longo do tempo (Migliorini et al., 2011).

A prática regular de rotinas orienta os padrões comportamentais e emocionais da família, possibilitando a criação de uma boa estrutura familiar que se revela fundamental para o desenvolvimento individual das crianças (Spagnola & Fiese, 2007). É durante a realização das rotinas que as crianças interiorizam e aprendem progressivamente as atividades da sua vida diária, sendo que estes momentos são excelentes oportunidades para desenvolverem diversas competências essenciais para o seu crescimento (Kashinath & Yu, 2018; Sytsma et al., 2001).

Ao longo das últimas décadas, têm sido desenvolvidas algumas medidas de avaliação das rotinas, no entanto ainda se verifica uma escassez de instrumentos, nomeadamente a nível nacional, que avaliem em específico as rotinas das crianças em idade escolar. Neste sentido, a presente investigação tem como objetivo geral desenvolver um estudo exploratório e confirmatório de adaptação e validação, para a população portuguesa, do *Child Routines Questionnaire* (CRQ; Sytsma et al., 2001), um instrumento de avaliação das rotinas das crianças em idade escolar (6-12 anos). Face aos objetivos delineados para esta investigação optou-se pela realização de dois estudos: um Estudo 1 (estudo exploratório) que procurou encontrar uma estrutura fatorial para a versão portuguesa do CRQ e, posteriormente, compará-la com a versão original do CRQ; e um Estudo 2 (estudo confirmatório) que pretendeu confirmar a estrutura fatorial obtida no estudo 1 para versão portuguesa do CRQ.

Esta investigação encontra-se organizada em duas partes. A primeira refere-se ao enquadramento teórico, que constitui um primeiro capítulo, no qual é realizada uma revisão de literatura acerca do conceito de rotinas familiares e a sua importância na vida familiar e no desenvolvimento das crianças; das rotinas das crianças em idade escolar; e dos instrumentos de avaliação das rotinas. A segunda parte diz respeito ao estudo empírico, que é constituída pelos restantes três capítulos. Neste sentido, no segundo capítulo é apresentado o estudo e os seus objetivos, as variáveis, os procedimentos e os instrumentos utilizados. No terceiro capítulo, são descritas as amostras e os resultados obtidos para os respetivos Estudo 1 e Estudo 2. No quarto capítulo, é realizada uma

As rotinas da criança em idade escolar: Um estudo de adaptação e validação da versão portuguesa do *Child Routines Questionnaire*

discussão acerca dos resultados obtidos com base na literatura científica. Por fim, no quinto capítulo são apresentadas as considerações finais que integram os contributos, as limitações do estudo e sugestões para investigações futuras.

## **Parte I. Enquadramento teórico**

### **Capítulo 1. Rotinas familiares**

#### **1.1. A natureza das rotinas familiares**

O estudo das rotinas familiares iniciou-se na década de 50 do século XX, com um estudo desenvolvido por Bossard e Boll (1950 cit. in Fiese et al., 2002). Estes investigadores conduziram um extenso estudo qualitativo sobre rotinas familiares em que, mediante a análise de diários, entrevistas e memórias familiares, constataram que estas eram poderosas formas de organização da vida familiar, que proporcionam estabilidade nos momentos de stresse e transição.

Os contributos teóricos desta investigação impulsionaram o desenvolvimento de estudos de natureza empírica, que demonstraram a importância da temática das rotinas familiares (Silva & Cavalcante, 2015). Segundo Fiese e colaboradores (2002) o estudo das rotinas familiares é considerado como fundamental, por diversas razões. Em primeiro lugar, tem como objetivo a análise da família, como um grupo organizado e com sentido de unidade coletiva. Em segundo lugar, as rotinas familiares são integradas no contexto cultural e ecológico da vida familiar, sendo perceptíveis as diferenças culturais que ocorrem na prática de rotinas e que possibilitam a compreensão das semelhanças e diferenças familiares. E por fim, as rotinas enfatizam a importância da relação entre os fatores individuais e familiares, na análise de como a vida familiar pode influenciar a adaptação, o ajustamento do indivíduo e a forma como as características individuais podem afetar o funcionamento familiar.

Torna-se, assim, primordial definir o conceito de rotinas familiares. Na perspectiva de Boyce e colaboradores (1983), as rotinas familiares são caracterizadas como comportamentos observáveis e repetitivos, que envolvem dois ou mais membros da família e que ocorrem com regularidade na vida diária familiar. São padrões contínuos e previsíveis que caracterizam a interação quotidiana familiar e que possibilitam aos vários indivíduos realizarem de forma eficaz e estruturada as suas tarefas diárias (Fiese et al., 2002; Keltner et al., 1990; Phillips et al., 2018). De acordo com Howe (2002), as rotinas familiares podem ser descritas como interações padronizadas, sendo caracterizadas como: a) episódicas, em que o seu início e fim estão claramente definidos; e b) cíclicas, que apresentam um período regular de recorrência, como é o caso das rotinas associadas ao sono/vigília, horários de trabalho e período escolar. Para além desta consistência temporal, o autor refere ainda que possuem uma regularidade interna

em que as interações que ocorrem durante as rotinas seguem um padrão semelhante, sempre que estas são realizadas.

De um modo geral, as rotinas familiares integram a hora das refeições, as atividades de lazer, as tarefas domésticas e a hora de dormir (Jones et al., 2018; Manczak et al., 2017). Refletem assim, uma atividade dirigida por um objetivo comum ao passo que, os diferentes tipos de rotinas são diferenciados pelos objetivos concretos a que se destinam (e.g., confeccionar uma refeição ou preparar uma criança para dormir) (Howe, 2002).

Segundo Lind (2008), as rotinas familiares organizam o quotidiano, concedem um sentido de ritmo à vida, auxiliam na transição de uma parte do dia para outra e atribuem funções e responsabilidades a cada membro familiar, proporcionando um sentido de estabilidade, continuidade e segurança ao longo do tempo. Estas especificidades são importantes para nos sentirmos interligados à nossa família e evitarmos reajustamentos ao longo do dia (Lind, 2008). No entanto, ao longo das etapas do ciclo vital, as rotinas e conseqüentemente, as tarefas e funções dos membros do sistema familiar vão sendo ajustadas e modificadas, tendo em conta o percurso desenvolvimental de cada membro (Fiese & Wamboldt, 2000; Goede & Greeff, 2016). Em suma, as rotinas familiares podem ser descritas como unidades comportamentais organizacionais da vida familiar, que procuram planificar e estruturar o quotidiano, definir papéis e responsabilidades e refletir as idiossincrasias dos diversos sistemas familiares (Boyce et al., 1983; Izenstark & Ebata, 2016).

Ao falarmos de rotinas familiares torna-se inevitável não fazer referência ao conceito de ritual familiar (Azevedo, 2018). Os rituais são atos simbólicos que representam a identidade, a cultura e os valores familiares (Homer et al., 2007; Wolin & Bennett, 1984). Fiese e colaboradores (2002) diferenciam os dois construtos através de três dimensões: comunicação, compromisso e continuidade. As rotinas envolvem uma comunicação instrumental e direta (“Isto é o que precisa de ser feito”), apresentam um compromisso momentâneo havendo pouca ou nenhuma reflexão após a conclusão da atividade, e repetem-se ao longo do tempo, sendo diretamente observáveis e detetáveis por outras pessoas (Fiese, 2007). Em contraste, os rituais representam um significado simbólico (“Isto é quem nós somos”) são duradouros e afetivos podendo a experiência ser reproduzida na memória de cada indivíduo, e transmitem o seu significado através de gerações (“Isto é o que nós continuaremos a ser através das gerações”) (Spagnola & Fiese, 2007).

## **1.2. A importância das rotinas familiares**

A vida quotidiana familiar fornece uma estrutura estável e previsível que orienta o comportamento e o clima emocional, contribuindo para o desenvolvimento individual de cada membro da família, nomeadamente das crianças (Dickstein, 2002). Kashinath e Yu (2018) referem que as principais experiências de aprendizagem das crianças ocorrem durante o contexto das rotinas familiares. Neste sentido, a investigação tem salientado que a prática de rotinas promove a aquisição de competências socioemocionais, linguísticas, académicas e psicossociais nas crianças (Cabrera et al., 2007; Ferretti & Bub, 2017; Miller et al., 2016; Spagnola & Fiese, 2007).

As rotinas em contexto familiar representam um dos momentos ideais, em que as crianças podem praticar e desenvolver as suas competências autorregulatórias, à medida que vão realizando as atividades do dia-a-dia (Brody & Flor, 1997; Ren & Fan, 2019; Ren & Xu, 2019). As rotinas podem servir de base para a autorregulação comportamental, uma vez que fornecem estrutura, previsibilidade, e limites permitindo às crianças ter conhecimento sobre aquilo que vão realizar e o tipo de comportamentos esperados (Taylor, 2011). Malatras e colaboradores (2016) acrescentam ainda que, rotinas diárias consistentes proporcionam às crianças excelentes oportunidades para desenvolverem as suas capacidades autorregulatórias, ao nível da gestão do tempo, planeamento de tarefas e organização da vida diária.

A literatura demonstra também que a prática de rotinas consistentes e previsíveis, assim como a existência de relações harmoniosas entre pais e filhos proporcionam a criação de um contexto familiar que contribui positivamente para o desenvolvimento da autoestima (Brody & Flor, 1997; Fiese, 1992), da autonomia, da iniciativa e do autocontrolo das crianças (Almeida et al., 2011; Ren & Xu, 2019; Spagnola & Fiese, 2007). Ao desenvolverem estas capacidades, as crianças manifestam um maior domínio na utilização de processos cognitivos superiores, como o pensamento, o raciocínio e a tomada de decisão que favorecem o processo de interiorização, desenvolvimento e realização de ações independentes e padrões de comportamento planificados e orientados por objetivos específicos (Brody & Flor, 1997; Fiese et al., 2006; Ren & Xu, 2019).

Através do desenvolvimento das competências autorregulatórias, as rotinas fomentam também o ajustamento socioemocional das crianças (e.g., iniciativa, autocontrolo, comportamentos sociais adequados) (Ren & Xu, 2019). Por sua vez, isto vai refletir-se na adaptação da criança ao ambiente escolar já que estará mais apta para se autorregular, gerir comportamentos de forma autónoma e envolver-se em atividades de aprendizagem com os colegas (Ferretti & Bub, 2017; Muñoz et al., 2014).

Alguns estudos realizados evidenciam ainda que a regularidade e estabilidade das rotinas familiares funcionam como fatores de proteção contra os problemas de comportamento das crianças, estando associadas a níveis mais baixos de comportamentos internalizados e externalizados (Bater & Jordan, 2017; Bridley & Jordan, 2012; Larsen & Jordan, 2020). Isto pode ser justificado pelo desenvolvimento de competências autorregulatórias que ajudam na regulação emocional (Linhares & Martins, 2015) e na inibição de comportamentos como a agressão, a hiperatividade ou a impulsividade (Lanza & Drabick, 2011).

Segundo Ferretti e Bub (2017), as rotinas familiares constituem uma base estruturante para a aprendizagem fomentando o desenvolvimento de competências académicas. Por exemplo, as rotinas de leitura favorecem o desenvolvimento da linguagem, alfabetização e hábitos de leitura (Evans & Shaw, 2008). Também as rotinas das refeições contribuem para o desenvolvimento linguístico e enriquecimento do vocabulário (Fiese et al., 2006; Spagnola & Fiese, 2007). A prática recorrente e consistente deste tipo de rotinas estimula o processo de aprendizagem das crianças, podendo traduzir-se num melhor desempenho académico e numa maior prontidão escolar (David et al., 2015; Fuligni et al., 2012; Roche & Ghazarian, 2012).

Para além de desempenharem um papel importante no desenvolvimento linguístico, as rotinas das refeições promovem as aptidões sociais das crianças (Ho et al., 2018; Spagnola & Fiese, 2007). Estas rotinas são caracterizadas como momentos em família que possibilitam a partilha de informações claras e diretas, fomentando a comunicação; a expressão de sentimentos e emoções, ajudando na gestão dos afetos; a manifestação de preocupação e interesse genuíno pelos acontecimentos da vida diária de cada membro familiar, contribuindo para o aumento do envolvimento interpessoal; e a definição de regras que ajudam no controlo do comportamento (Berge et al., 2013). Por conseguinte, as rotinas das refeições constituem excelentes oportunidades para as crianças dialogarem, refletirem e compreenderem os outros e o mundo que as rodeia (Leyva & Skorb, 2017; Spagnola & Fiese, 2007).

Existe evidência empírica de que durante a prática de rotinas diárias ocorrem interações entre pais e filhos, que permitem uma maior regulação do comportamento da criança e um aumento da perceção dos pais acerca das suas competências parentais (Fiese et al., 2002; Sprunger et al., 1985). Neste sentido, o envolvimento dos pais na vida quotidiana dos filhos permite um acompanhamento diário e um controlo sobre o comportamento das crianças, que, conseqüentemente, promove o desenvolvimento de um sentido de competência parental (Evans & Rodger, 2008; Fiese et al., 2002; Rania et al., 2016).

O sentido de competência parental tem sido conceptualizado a partir de dois construtos: a autoeficácia e a satisfação parental (Ohan et al., 2000). A autoeficácia é caracterizada como uma cognição parental (Taraban & Shaw, 2018), que reflete a avaliação que cada indivíduo faz sobre o seu papel, enquanto mãe ou pai (Johnston & Mash, 1989). Representa as perceções e expetativas que os pais têm acerca das suas competências e responsabilidades parentais, e a forma como estas influenciam o comportamento e o desenvolvimento infantil (Coleman & Karraker, 2000; Jones & Prinz, 2005). Já o termo de satisfação parental é descrito no âmbito da dimensão afetiva, refletindo o grau de satisfação ou a qualidade do afeto associados à função da parentalidade (Johnston & Mash, 1989).

Os investigadores que se dedicaram ao estudo da relação entre as rotinas familiares e a competência parental, constaram que um ambiente estável e afetivo promove interações positivas entre os pais e as crianças (Brody & Flor, 1997; Spagnola & Fiese, 2007). Por sua vez, isto leva à adoção de práticas parentais positivas e a um aumento dos níveis de autoeficácia, satisfação e competência parental, que conseqüentemente se traduz na implementação de rotinas familiares estruturadas e consistentes (Ferretti & Bub, 2017; Jordan, 2003).

### **1.3. Rotinas da criança em idade escolar**

A criação e a implementação de rotinas nos mais diversos contextos de aprendizagem e interação das crianças, apresenta-se como um processo fundamental no desenvolvimento infantil (Mourinha, 2020), representando excelentes oportunidades de aprendizagem sobre si próprias, os outros e o mundo que as rodeia (Seiberlich, 2016).

Segundo Sytsma e colaboradores (2001), as rotinas das crianças podem ser definidas como “comportamentos observáveis e repetitivos que envolvem diretamente a criança e pelo menos um adulto, agindo num papel interativo ou de supervisão, e que ocorrem com uma regularidade previsível na vida diária ou semanal da criança” (p. 243). Concetualmente, as rotinas parecem ser consistentes com uma visão comportamental do desenvolvimento infantil (Sytsma et al., 2001). Os pais, através da implementação de rotinas consistentes e previsíveis, fornecem aos filhos estímulos ambientais que promovem a conformidade das crianças e asseguram que estas realizam as tarefas diárias, em consonância com as expetativas parentais (Sytsma et al., 2001; Urcuioli, 2005). As rotinas da criança geralmente consistem num conjunto de padrões de comportamento que estão implícitos numa instrução, como por exemplo “Ir para a cama”. O cumprimento desta instrução pode exigir à criança que escove os dentes, vista o pijama e que vá para a cama dormir (Wittig, 2005). A instrução do pais é vista como um estímulo discriminativo, que desencadeia a realização de um conjunto de

comportamentos característicos de uma determinada rotina (Urcuioli, 2005). Assim, os pais desempenham um papel essencial na orientação da criança no cumprimento das rotinas, na medida em que devem dar instruções sobre a sequência de comportamentos que a criança deve realizar, até que esta seja capaz de realizar de forma autónoma e independente a sua rotina (Wittig, 2005).

Acresce que a implementação de rotinas diárias por parte dos pais permite à criança ter conhecimento sobre o que irá acontecer ao longo do dia, promovendo um sentimento de segurança e estabilidade, que possibilita a aquisição de um sentido de controlo e continuidade, que faz com que a criança se sinta segura e confiante (Mourinha, 2020). Um ambiente familiar estável e tranquilo fomenta a participação ativa das crianças no planeamento e na realização das atividades do dia-a-dia, tornando-as agentes ativos do seu processo educativo (Mourinha, 2020; Spagnola & Fiese, 2007). Isto significa que, ao terem conhecimento sobre as sequências comportamentais e temporais das suas tarefas diárias, as crianças possam realizá-las de forma autónoma, contribuindo para o desenvolvimento de diversas competências (e.g., autoestima positiva, auto-organização, resolução de problemas, criatividade) (Mourinha, 2020; Pereira, 2014). Este conhecimento prévio pode ainda facultar às crianças as ferramentas necessárias para gerirem a sua atenção, energia, estados emocionais e comportamentos, à medida que passam de uma tarefa para outra ao longo do dia (McCloy et al., 2016).

As rotinas das crianças compreendem, essencialmente, tarefas relacionadas com: a escola (e.g., estudar, fazer os trabalhos de casa), as refeições (e.g., ajudar na preparação das refeições, pôr a mesa), as tarefas domésticas (e.g., ajudar a arrumar), a hora de dormir (e.g., vestir o pijama), a higiene pessoal (e.g., tomar banho) e as atividades de lazer (e.g., brincar, conversar, ver televisão, ouvir música, jogar computador) (Heumann & Cavalcante, 2018; Sytsma et al., 2001; Weisner, 2002). Uma típica rotina da manhã envolve uma sequência padronizada de comportamentos, que incluem lavar a cara, escovar os dentes, vestir-se, fazer a cama, tomar o pequeno-almoço e ir para a escola (Sytsma et al., 2001; Wittig, 2005). Já a rotina da hora de dormir integra tomar banho, vestir o pijama, lavar os dentes, dizer boa noite aos membros da família, ler uma história e ir para a cama (Kitsaras et al., 2018; Mindell & Williamson, 2018; Sytsma et al., 2001).

Durante a idade escolar, as rotinas familiares são ajustadas com o objetivo de conciliarem as atividades da escola e as atividades extracurriculares (Fiese, 2000, cit. in Fiese & Wamboldt, 2000). De acordo com McCloy e colaboradores (2016), as rotinas durante a semana tendem a ser mais rígidas e com um foco, predominantemente, no autocuidado e em tarefas de produtividade, enquanto que as rotinas ao fim-de-semana apresentam um carácter mais flexível, priorizando as atividades de lazer. Em suma, as

rotinas devem ser diversificadas, de modo a adaptarem-se às necessidades, interesses e ritmos das crianças (Mourinha, 2020).

#### **1.4. Instrumentos de avaliação das rotinas**

A evidência científica demonstra que as rotinas e rituais familiares desempenham um papel central na organização da vida familiar, contribuindo para a promoção da saúde física e psicológica dos indivíduos e bem-estar da família. Neste sentido, têm sido desenvolvidos alguns instrumentos de avaliação direcionados para esta temática (Fiese et al., 2002).

No âmbito da avaliação das rotinas familiares, um dos primeiros instrumentos a ser construído foi o *Family Routines Inventory* (FRI; Jensen et al., 1983) concebido para avaliar a coesão familiar, a solidariedade, a organização, a previsibilidade e a satisfação com a vida familiar. Para a construção deste instrumento, os autores realizaram entrevistas a 52 famílias, em que um dos seus membros teria de ser uma criança, com idade até aos 16 anos. O FRI é composto por 28 itens, agrupados em 12 domínios ou áreas distintas de funcionamento familiar: Dia de Trabalho, Fins-de-semana e Tempos de lazer, Rotinas das crianças, Rotinas dos pais, Tempo de dormir, Refeições, Família alargada, Partidas e regressos a casa, Rotinas religiosas, Rotinas de Disciplina, Tarefas domésticas e Entretenimento em casa (Jensen et al., 1983). Os itens são avaliados por meio de duas escalas: a escala da frequência de quatro pontos, que varia entre o “*Quase Nunca*” e 3 “*Sempre*”; e a escala da importância de 3 pontos, de o “*Nada Importante*” a 2 “*Muito Importante*” (Jensen et al., 1983).

Posteriormente, foi desenvolvido o *Family Ritual Questionnaire* (FRQ; Fiese & Kline, 1993), com o objetivo de avaliar os rituais familiares através do autorrelato das famílias. O questionário é constituído por 56 itens, que representam sete contextos (Hora de jantar, Fins-de-semana, Férias, Comemorações anuais, Feriados religiosos, Tradições culturais e étnicas e Celebrações especiais) e oito dimensões (Ocorrência, Papéis, Rotinas, Presença/Participação, Afeto, Significado simbólico, Continuação e Preparação/Intencionalidade). Cada item é avaliado numa escala de *Likert* de quatro pontos, correspondendo a pontuação mais elevada a um maior investimento nos rituais familiares por parte da família (Fiese & Kline, 1993). O FRQ encontra-se traduzido e adaptado para português por Crespo e Lind (2004).

Estes dois instrumentos avaliam a estrutura e a predisposição da família (FRI) e os rituais familiares (FRQ) (Silva et al., 2010), pelo que se consideram muito restritivos e limitados, não sendo adequados para a avaliação das rotinas das crianças. Em relação ao FRI, Sytsma e colaboradores (2001) descrevem algumas das suas limitações,

nomeadamente: a) não ser específico para avaliar as rotinas infantis, mas sim a unidade familiar; b) o facto de os itens avaliarem, maioritariamente, os eventos que ocorrem ao mesmo tempo nos vários dias da semana e desvalorizarem, também, aspetos importantes que podem contribuir para a conformidade e adaptação da criança, como a consistência do cuidador, as localizações e a ordem dos eventos; e c) o facto de não terem sido desenvolvidos estudos que procurassem analisar a relação entre o FRI e medidas de funcionamento infantil, pelo que a associação entre as rotinas e o ajustamento das crianças ainda é desconhecida. Com base nestas limitações e na escassez de medidas de avaliação específicas para as rotinas das crianças, vários autores procederam ao desenvolvimento de novos instrumentos com o foco, predominantemente, no desenvolvimento infantil (Wittig, 2005).

Assim, foi construído o *Childhood Routines Inventory* (CRI; Evans et al., 1997), que se destina a avaliar os comportamentos ritualísticos, repetitivos e compulsivos de crianças pequenas. Para a validação deste instrumento, os autores recorreram a uma amostra de 1,492 pais com filhos entre os 8 e os 72 meses. É constituído por 19 itens agrupados em três índices, indicativos de um possível diagnóstico de Perturbação Obsessiva-Compulsiva (POC): 1) quanto/quantas vezes a criança se envolveu em comportamentos ritualísticos; 2) quando é que o comportamento começou e 3) se, atualmente, a criança pratica comportamentos compulsivos (Evans et al., 1997). Porém, este instrumento foi desenvolvido para avaliar os padrões de comportamento repetitivos e compulsivos durante a primeira infância, sendo que não se destina à avaliação das rotinas diárias em idade escolar (Stabler, 2012; Wittig, 2005).

Em resposta à necessidade de um instrumento standardizado que avaliasse sistematicamente as rotinas das crianças em idade escolar foi desenvolvido o *Child Routines Questionnaire* (CRQ; Sytsma et al., 2001). É um instrumento de autorrelato, que tem como objetivo avaliar as rotinas específicas das crianças em idade escolar (6-12 anos), através da perceção dos pais. É constituído por 39 itens avaliados numa escala de *Likert* de cinco pontos, de o “*Nunca*” a 4 “*Quase Sempre*”, indicando a frequência com que cada criança se envolve num determinado tipo de rotina. Tendo em consideração que a versão portuguesa deste questionário (Alves et al., 2016) será objeto de um estudo de adaptação e validação no presente trabalho, iremos descrever de forma mais aprofundada o desenvolvimento da sua versão original.

O processo de construção do CRQ decorreu ao longo de três estudos de validação. Num primeiro estudo, designado de “Desenvolvimento de itens”, pretendeu-se definir um vasto conjunto de itens representativos das rotinas diárias das crianças. Assim, recorreu-se a uma amostra de 38 mães de crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 11 anos. As mães foram recrutadas em salas de espera de hospitais, jardins de

infância e escolas primárias, tendo-lhes sido solicitado o preenchimento de um questionário sociodemográfico e de um outro questionário, o *Parenting Survey of Child Routines*, que possibilita a descrição das rotinas das crianças em 11 categorias (e.g., rotinas da manhã, rotinas das refeições, rotinas da hora de dormir). Com base nestes dados surgiu uma lista de 885 rotinas, sendo que 835 foram obtidas através desta recolha de dados e as restantes 50 rotinas foram seleccionadas de livros, revistas e de medidas anteriormente desenvolvidas para avaliar o ambiente familiar e as rotinas das crianças. De seguida, foram codificadas e agrupadas em 161 rotinas infantis, tendo sido reduzidas para 112 devido à sobreposição de rotinas semelhantes. Por fim, um grupo de especialistas realizou uma revisão dos dados obtidos, da qual resultou uma redução de 112 para 80 itens (Sytsma et al., 2001).

O segundo estudo, referente à “Seleção de itens”, teve como objetivos a redução deste conjunto de 80 itens e a construção de um questionário com uma boa consistência interna, que representasse as rotinas das crianças que ocorrem com uma maior frequência. Neste sentido, os autores aplicaram novamente um questionário sociodemográfico (o do estudo 1) e a versão inicial do CRQ (80 itens) a uma amostra de 363 mães com filhos entre os 2 e os 12 anos. A frequência das rotinas foi avaliada numa escala de *Likert* de cinco pontos, com valores entre o “*Nunca*” e 4 “*Quase sempre*”. Dado que a estimativa de consistência interna para os 80 itens do CRQ foi de .94, procedeu-se à eliminação de itens, tendo por base os seguintes critérios: a) a frequência do item ser igual ou superior a 40% de respostas “*Nunca*” ou “*Raramente*” (i.e. 40% da amostra ou mais, indicou que a rotina nunca ou raramente ocorria); b) a categoria de resposta do item ser  $\leq 2$ , indicando que a média da classificação da rotina era de “às vezes”; c) o item apresentar uma correlação item-total inferior a .30; e d) a correlação entre itens ou a consistência interna serem moderadamente elevadas. Deste modo, 24 itens foram eliminados desta versão, ficando com um total de 56 itens (Sytsma et al., 2001).

O terceiro e último estudo, designado de “Redução de itens, precisão e validade”, consistiu em reduzir ainda mais o conjunto de itens e avaliar as propriedades psicométricas do instrumento. Para tal, foram administradas várias medidas tais como, o questionário sociodemográfico (utilizado no estudo 1 e 2), o CRQ (versão 56 itens), o *Eyberg Child Behavior Inventory* (ECBI; Eyberg & Ross, 1978) e o FRI (Jensen et al., 1983), a uma amostra constituída por 216 mães de crianças em idade escolar (5-12 anos). Os dados obtidos com o CRQ foram submetidos a uma análise fatorial, com recurso ao método da análise de componentes principais, com rotação ortogonal *Varimax*. As autoras procederam à análise de soluções fatoriais com 3, 4 e 5 fatores, sendo que a solução com 4 fatores foi considerada a mais apropriada. Os itens foram eliminados, caso apresentassem valores de saturação inferiores a .40 (Sytsma et al., 2001). As análises

realizadas apontaram para uma solução fatorial de 4 fatores, constituída por 36 itens e responsável por 44,2% da variância total. Os 4 fatores foram denominados de: Rotinas da Vida Diária (Fator 1) que engloba onze itens relacionados com as atividades da vida diária, como rotina matinal, rotina da hora de dormir, refeições e interação social familiar típica; Responsabilidades Domésticas (Fator 2) que inclui nove itens relativos às responsabilidades pessoais, tarefas domésticas e higiene; Rotinas de Disciplina (Fator 3) que integra onze itens referentes a regras, métodos de disciplina e atividades familiares estruturadas; e Rotinas de Trabalhos de Casa (Fator 4) que compreende cinco itens associados aos trabalhos de casa e à supervisão de um adulto (Sytsma et al., 2001). Foram realizados estudos de precisão com base na estrutura fatorial obtida. Ao nível da consistência interna, obteve-se um coeficiente alfa de Cronbach de .81 para o fator Rotinas da Vida Diária, .83 para o fator Responsabilidades Domésticas, .82 para o fator Rotinas de Disciplina e .79 para o fator Rotinas de Trabalhos de Casa. Relativamente, à escala total obteve-se um coeficiente de consistência interna de .90 (Sytsma et al., 2001). Para avaliar a estabilidade temporal do CRQ, as autoras recorreram ao método do teste-reteste, conduzindo um estudo de 2 a 4 semanas, numa amostra de 37 mães. Os resultados demonstraram uma boa confiabilidade teste-reteste, com coeficientes de correlação a oscilarem entre .75 e .85 para os 4 fatores e um coeficiente de .86 para a escala total (Sytsma et al., 2001).

Nos estudos de evidência de validade foram encontradas correlações moderadas entre os fatores do CRQ, com coeficientes de correlação entre .28 e .52 (Sytsma et al., 2001). Em relação à validade de construto do CRQ, esta foi avaliada através da correlação com os instrumentos, FRI (Jensen et al., 1983) e ECBI (Eyberg & Ross, 1978). As análises realizadas evidenciaram os seguintes resultados: 1) uma correlação moderadamente positiva entre o resultado total do CRQ e a escala de frequência do FRI ( $r = .54$ ); 2) coeficientes de correlação entre os fatores do CRQ e a escala de frequência do FRI entre .20 e .50, sendo que a correlação mais fraca foi encontrada no fator Rotinas dos Trabalhos de Casa e a correlação mais forte no fator Rotinas da Vida Diária; 3) uma correlação moderadamente negativa entre o resultado total do CRQ e a escala de intensidade do ECBI ( $r = -.35$ ); e 4) coeficientes de correlação entre os fatores do CRQ e a escala de intensidade do ECBI, com valores entre -.14 (Rotinas de Disciplina) e -.33 (Rotinas da Vida Diária) (Sytsma et al., 2001).

O CRQ foi originalmente desenvolvido nos Estados Unidos da América (EUA), por Sytsma e colaboradores (2001). Desde a publicação do instrumento surgiram outros estudos de validação do CRQ, nomeadamente a versão islandesa (CRQ-IS; Halldórsdóttir & Óskarsdóttir, 2009) e a versão portuguesa (CRQ-PT; Alves et al., 2016) já com dois estudos realizados (Cabana, 2017; Marques, 2019).

A versão islandesa (CRQ-IS) é composta por 38 itens, o item “lê ou ouve a Bíblia [...] com a família diariamente” não foi incluído (Halldórsdóttir & Óskarsdóttir, 2009). Para a validação da versão islandesa (CRQ-IS) as autoras realizaram uma análise fatorial, com recurso ao método da análise de componentes principais, com rotação ortogonal *Varimax*. Procederam à análise de soluções fatoriais com 4, 5 e 6 fatores, concluindo que a solução de 4 fatores seria a mais adequada (Halldórsdóttir & Óskarsdóttir, 2009). Esta solução demonstrou-se consistente com a estrutura fatorial da versão original do CRQ. No entanto, a designação dos fatores não foi exatamente a mesma, uma vez que 3 fatores mantiveram a designação da versão original (Responsabilidades Domésticas, Rotinas da Vida Diária e Rotinas de Disciplina), mas o fator “Rotinas dos Trabalhos de Casa” passou a designar-se “Interação Familiar” (Halldórsdóttir & Óskarsdóttir, 2009). Neste sentido, a estrutura fatorial final do CRQ-IS integra 33 itens (cinco itens foram eliminados por apresentarem saturações inferiores a .40), agrupados em 4 fatores, responsáveis por 39.2% da variância total. O fator 1, Responsabilidades Domésticas explica 12.7% da variância total e inclui nove itens; o fator 2, Interação Familiar contribui com 9.8% para a variância total e integra oito itens; o fator 3, Rotinas da Vida Diária explica 8.5% da variância total e contém nove itens; e o fator 4, Rotinas de Disciplina é responsável por 8.2% da variância total, sendo constituído por sete itens (Halldórsdóttir & Óskarsdóttir, 2009). Os estudos de precisão revelaram boas propriedades psicométricas com um coeficiente alfa de Cronbach de .83 para a escala total e valores entre .67 e .81 para os 4 fatores (Halldórsdóttir & Óskarsdóttir, 2009).

Além disto, têm sido desenvolvidas versões adaptadas deste instrumento tais como: o *Child Routines Questionnaire: Preschool* (CRQ: P; Wittig, 2005) que se destina a crianças em idade pré-escolar (1-5 anos); o *Adolescent Routines Questionnaire: Parent and Self-Report* (ARQ:P/S; Meyer, 2008) que apresenta duas versões, autorrelato dos pais e dos adolescentes (12-17 anos) e ainda, o *Child Routines Questionnaire-Child Self* (CRQ-CSR; Stabler, 2012) que avalia as rotinas através do autorrelato de crianças com idades compreendidas entre 8 e os 12 anos.

Desde o seu desenvolvimento que o CRQ tem sido reconhecido como um instrumento útil e adequado na avaliação das rotinas das crianças e na compreensão do impacto que estas podem ter no crescimento e desenvolvimento infantil (Henderson et al., 2009). Neste sentido, na literatura internacional encontram-se diversos estudos com utilização do CRQ associado a práticas parentais (Jordan, 2003), adesão ao tratamento em doenças crónicas (Greening et al., 2007), efeitos de um programa de intervenção para pais (Nymoen, 2014) e ainda, comportamentos externalizados e internalizados em crianças com desenvolvimento normativo (Bridley & Jordan, 2012; Henderson et al., 2011; Prine, 2012) e diagnosticadas com Perturbação de Hiperatividade e Défice de

Atenção (PHDA) ou Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) (McRae et al., 2020; McRae et al., 2019; Pennick, 2013; Stoppelbein et al., 2016, 2019)<sup>1</sup>.

Em Portugal, Cabana (2017) analisou a associação entre o nível de atividade física das crianças (avaliada através do *Physical Activity Questionnaire for Older Children* [PAQ-C; Kowalski et al., 1997]) e as suas rotinas diárias (avaliadas através do CRQ utilizando a estrutura fatorial original), numa amostra de 81 crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos. Os resultados apontaram para a existência de uma associação positiva, embora de intensidade fraca, entre a prática da atividade física e a regularidade das rotinas diárias de crianças em idade escolar, o que poderá indicar que crianças mais envolvidas em determinadas atividades desportivas (e.g., natação, futebol) tendem a ser mais ativas noutras atividades do dia-a-dia, nomeadamente nas tarefas domésticas (Cabana, 2017). Por sua vez, Marques (2019) focou-se na relação entre as rotinas das crianças (avaliadas através do CRQ utilizando também a estrutura fatorial original) e a perceção do sentido de competência parental (avaliada através da escala *Parenting Sense of Competence* [PSOC; Gibaud-Wiallston & Wandersman, 1978, cit. in Johnston & Mash, 1989]). A amostra deste estudo envolveu 84 crianças, com idades entre os 5 e os 9 anos de idade. Os resultados evidenciaram que a prática de rotinas diárias se assume como um fator preditor do sentido de competência parental, fomentando nos pais um sentimento de eficácia e satisfação parental (Marques, 2019).

Em Portugal, até ao momento, apenas existe a validação da versão pré-escolar do CRQ, o *Child Routines Questionnaire: Preschool* (CRQ:P; Wittig, 2005; Tradução portuguesa de Cunha et al., 2016; Validação de Coroado, 2017; Cunha et al., 2021. Neste sentido, torna-se premente a realização de um estudo de adaptação e validação do *Child Routines Questionnaire* (CRQ), de forma a tornar disponível para a população portuguesa um instrumento de avaliação das rotinas infantis em idade escolar, útil, sólido e com boas qualidades psicométricas.

---

<sup>1</sup>No Anexo A encontra-se uma Tabela síntese, com as principais características dos referidos estudos (autores, amostra, objetivos e principais resultados).

## Parte II. Estudo empírico

### Capítulo 2. Material e método

#### 2.1. Apresentação do estudo e objetivos

O presente estudo insere-se no projeto de investigação “*Preditores psicossociais de saúde em crianças, jovens e famílias*”, que pretende explorar e analisar a relação entre diferentes variáveis de natureza psicossocial e indicadores de saúde em crianças, jovens, adultos e famílias. É um projeto desenvolvido em parceria com docentes/investigadores da Universidade da Beira Interior (UBI) e da Universidade dos Açores (UAç).

Esta investigação tem como objetivo geral desenvolver um estudo exploratório e confirmatório de adaptação e validação do *Child Routines Questionnaire* (CRQ; Sytsma et al., 2001; Tradução portuguesa de Alves et al., 2016), um instrumento de avaliação das rotinas das crianças em idade escolar. Neste sentido, pretende-se avaliar as propriedades psicométricas do questionário, de forma a validar o mesmo para a população portuguesa. Definiram-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Analisar descritivamente os 39 itens do CRQ-PT;
- b) Realizar uma Análise Fatorial Exploratória do CRQ-PT;
- c) Apresentar estudos de evidência de precisão do CRQ-PT, através da análise da consistência interna dos vários fatores e da escala total;
- d) Apresentar estudos de evidência de validade do CRQ-PT, por meio das intercorrelações entre os vários fatores;
- e) Realizar uma Análise Fatorial Confirmatória do CRQ-PT;
- f) Apresentar estudos adicionais de evidência de validade, através da análise das correlações entre o CRQ-PT e a subescala Hora de Jantar do FRQ e a escala de Sentido de Competência Parental (PSOC).

Tendo em consideração os objetivos definidos para esta investigação, optou-se pela realização de dois estudos: o Estudo 1 (estudo exploratório) que pretendeu encontrar uma estrutura fatorial para a versão portuguesa do CRQ e compará-la com a versão original do CRQ (Sytsma et al., 2001); e o Estudo 2 (estudo confirmatório) que procurou confirmar a estrutura fatorial obtida no Estudo 1 e apresentar alguns estudos de evidência de validade.

## 2.2. Variáveis em estudo

De forma a alcançar os objetivos propostos para esta investigação, selecionaram-se as seguintes variáveis:

- **Rotinas da criança:** As rotinas da criança foram avaliadas através da versão portuguesa do *Child Routines Questionnaire* (CRQ-PT), no qual os pais tinham de responder a 39 itens, numa escala de *Likert* de cinco pontos, que varia entre o “*Nunca*” e 4 “*Quase Sempre*”.
- **Sentido de Competência Parental:** O sentido de competência parental foi avaliado por meio da versão portuguesa da *Parenting Sense of Competence Scale* (PSOC), constituída por um total de 17 itens. Os pais respondiam a cada item, numa escala de *Likert* de cinco pontos, de 1 “*Concordo Plenamente*” a 5 “*Discordo Totalmente*”.
- **Hora de jantar:** A Hora de Jantar consiste numa das subescalas do *Family Ritual Questionnaire* (FRQ), tendo sido avaliada através da versão portuguesa do questionário. Os pais ao responderem aos itens desta subescala, tinham de seleccionar entre duas afirmações a que melhor se adequava à sua família. Após essa escolha deveriam indicar se a afirmação é “*Totalmente verdade*” ou “*Mais ou menos verdade*”.

## 2.3. Procedimentos

A presente investigação está inserida no projeto “*Preditores psicossociais de saúde em crianças, jovens e famílias*” e conta com a aprovação da Comissão de Ética da Universidade da Beira Interior.

Face ao atual contexto de pandemia em que vivemos, não foi possível recolher dados, pelo que foram utilizados os protocolos de investigação recolhidos em anos letivos anteriores, no âmbito do mesmo projeto. Nos estudos realizados anteriormente, o procedimento de amostragem decorreu de forma não probabilística e por conveniência. Assim, os protocolos de investigação foram recolhidos nos distritos de Viseu, Guarda e Castelo Branco, através de três formas: 1) a entrega dos protocolos na direção de uma instituição de ensino privado da cidade da Covilhã, que posteriormente foram distribuídos pelas crianças para levarem para casa e que, após o preenchimento dos pais, era solicitado que os devolvessem ao professor; 2) a distribuição dos protocolos à porta das escolas, acompanhada de uma breve explicação acerca do estudo, do carácter

voluntário da participação, do consentimento informado, da confidencialidade e do anonimato; e 3) a entrega de protocolos às famílias da rede de contactos das autoras dos estudos.

Neste sentido, a amostra inicial para este estudo era constituída por 266 participantes. No que concerne aos critérios de inclusão, determinou-se que os participantes seriam pais de crianças em idade escolar (6-12 anos) e que teriam conhecimento sobre os aspetos éticos e deontológicos da investigação. Relativamente aos critérios de exclusão, foram eliminados os protocolos em que: a) os participantes não mencionaram a idade da criança (cinco protocolos); b) as crianças tinham idades iguais a 4, 5 e 13 anos (14 protocolos); e c) havia um número de *missings* no CRQ superior a 10% da escala total (Hair et al., 2014) (um protocolo). Deste modo, a amostra em estudo foi reduzida para 246 participantes.

Devido ao facto da presente investigação ser constituída por dois estudos, foi necessário proceder à distribuição destes 246 participantes. Assim, no Estudo 1 incluímos os pais de crianças com idades entre os 6 e os 12 anos, uma vez que o CRQ pode ser aplicado a esta faixa etária, perfazendo um total de 104 participantes. No Estudo 2, integramos os pais de crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos, dado que a escala de Sentido de Competência Parental (PSOC) pode ser aplicada a pais de crianças com essas idades, fazendo um total de 142 participantes.

### 2.3.1 Análises estatísticas

Para a análise estatística dos dados, utilizaram-se os programas *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS; versão 26) e *Analysis of Moment Structures* (AMOS; versão 26). Em ambos os estudos recorreu-se a estatísticas descritivas e à análise de frequências para se proceder à caracterização das respetivas amostras. Após esta análise, foram realizados procedimentos distintos em cada um dos estudos, sendo que o AMOS foi utilizado apenas no Estudo 2. Atendendo ao facto de a presente investigação ser constituída por dois estudos, a descrição das respetivas análises estatísticas será apresentada nos resultados de cada um dos estudos.

## 2.4. Instrumentos

Na presente investigação utilizou-se um protocolo de avaliação constituído pelos seguintes instrumentos: Questionário Sociodemográfico, Questionário das Rotinas da Criança, a subescala Hora de jantar do Questionário dos Rituais Familiares e escala de Sentido de Competência Parental.

#### 2.4.1. Questionário sociodemográfico

Este questionário foi desenvolvido no âmbito do projeto de investigação “*Preditores psicossociais de saúde em crianças, jovens e famílias*” a decorrer na Universidade da Beira Interior (UBI). Tem como objetivo a caracterização dos participantes através da recolha de dados referentes a 12 questões que integram variáveis associadas à criança (e.g., sexo, idade, número de irmãos, agregado familiar) e variáveis relativas aos pais/encarregados de educação (e.g., idade, estado civil, nível de escolaridade, situação profissional, atividade profissional).

#### 2.4.2. Questionário das rotinas da criança (CRQ-PT)

O *Child Routines Questionnaire* (CRQ) foi desenvolvido por Sytsma e colaboradores (2001) e traduzido e adaptado para a população portuguesa por Alves e colaboradores (2016). É um instrumento de autorrelato que se destina a avaliar as rotinas específicas das crianças em idade escolar (6-12 anos), através da perceção dos pais. É constituído por 39 itens, no entanto, três itens (10,20 e 30) são utilizados para o cálculo do indicador de resposta defensiva (não analisado neste estudo), com o intuito de analisar a tendência dos pais em atribuírem rotinas irrealistas à vida quotidiana dos filhos (Sytsma et al., 2001). Assim, a versão final destes autores é composta por 36 itens agrupados nos seguintes 4 fatores: Rotinas da Vida Diária com 11 itens relacionados com as atividades da vida diária, como a rotina matinal (e.g., “Tem uma rotina para ficar pronto/a de manhã, por exemplo, lavar os dentes, lavar a cara, pentear-se e vestir-se”), rotina da hora de dormir (e.g., “Lava os dentes antes de ir para a cama”), refeições (e.g., “Come as refeições à mesa com a família”) e interação social familiar típica (e.g., “Conversa à vez com cada membro da família acerca do seu dia); Responsabilidades Domésticas com nove itens relativos às responsabilidades pessoais (e.g., “Tem tarefas para fazer regularmente, por exemplo, levar/pôr o lixo, ajudar com a roupa, alimentar/cuidar do animal de estimação”), tarefas domésticas (e.g., “Ajuda a arrumar/limpar a mesa depois das refeições”) e higiene (e.g., “Lava as mãos depois de ir à casa-de-banho”); Rotinas de Disciplina com 11 itens referentes a regras, métodos de disciplina (e.g., “Sabe o que acontece no caso de ele/a não seguir as instruções ou ordens dos pais”) e atividades familiares estruturadas (e.g., “Participa nas atividades de tempos-livres que são planeadas semanalmente para serem feitas em família, por exemplo, ver filmes, sair para almoçar ou jantar fora, jogar jogos”) e Rotinas de Trabalhos de Casa com cinco itens associados aos trabalhos de casa (e.g., “Estuda/prepara-se para os testes ou exercícios da escola”) e à supervisão de um adulto (e.g., “Tem a supervisão de um adulto

que o ajuda a fazer os TPC, ao explicar-lhe os exercícios, ao demonstrar como se fazem e/ou ao verificar as respostas no final”. Os itens são avaliados numa escala de *Likert* de cinco pontos, sendo que os valores oscilam entre o “*Nunca*” e 4 “*Quase Sempre*”. Os estudos de precisão revelaram boas propriedades psicométricas com um coeficiente alfa de Cronbach de .90 para a escala total e valores entre .79 e .83 para os quatro fatores (para uma descrição mais exaustiva do CRQ consultar enquadramento teórico; Sytsma et al., 2001).

No presente estudo, foi utilizada a versão portuguesa do instrumento (CRQ-PT; Alves et al., 2016), pelo que se torna pertinente descrever as várias fases relativas ao processo de tradução e adaptação do questionário para a população portuguesa. Numa primeira fase, contactaram-se as autoras da versão original, com o objetivo de se obter permissão para se traduzir o CRQ. Numa segunda fase, os itens foram traduzidos para a língua portuguesa, de forma independente, pelas três investigadoras da equipa de investigação. De seguida, as três investigadoras reuniram-se para comparar as versões traduzidas e discutir sobre eventuais erros ou interpretações discrepantes, a fim de construírem uma versão unificada do questionário. Numa terceira fase, procedeu-se à retroversão dos itens e das instruções, por um revisor fluente em língua inglesa, sem contacto prévio com o instrumento original, tendo sido realizados alguns ajustes até se chegar à versão final do questionário. Numa quarta e última fase, realizou-se um pré-teste com uma amostra de cinco mães/pais de crianças em idade escolar, em que lhes foi solicitado que identificassem itens, palavras ou conceitos que suscitasse algumas dúvidas e que as registassem no próprio questionário. Assim, este pequeno estudo possibilitou o ajuste do conteúdo dos itens e das instruções, no sentido de tornar a informação mais clara e consistente.

#### 2.4.3. Questionário dos rituais familiares (FRQ)

O Family Ritual Questionnaire (FRQ) foi desenvolvido originalmente por Fiese e Kline (1993) e caracteriza-se como uma medida de autorrelato que avalia o significado dos rituais familiares. O questionário é composto por 56 itens agrupados em sete contextos (Hora de jantar, Fins-de-semana, Férias, Comemorações anuais, Feriados religiosos, Tradições culturais e étnicas e Celebrações especiais) e oito dimensões (Ocorrência, Papéis, Rotinas, Presença/Participação, Afeto, Significado simbólico, Continuação e Preparação/Intencionalidade). Os itens são cotados por meio de uma escala de quatro pontos (Fiese & Kline, 1993). No presente estudo utilizou-se apenas os cinco itens referentes à subescala Hora de Jantar da versão portuguesa (Tradução e adaptação portuguesa de Crespo & Lind, 2004). Na resposta aos itens, os participantes

devem escolher, entre duas afirmações, a que melhor se adequa à sua família (e.g., “Algumas famílias jantam juntas regularmente” ou “Outras famílias raramente jantam juntas”). De seguida, devem indicar se a afirmação é “Totalmente verdade” ou “Mais ou menos verdade”. Importa salientar que pontuações mais elevadas nesta subescala representam um clima familiar mais positivo durante a hora de jantar.

#### 2.4.4. Escala de sentido de competência parental (PSOC)

A escala Parenting Sense of Competence (PSOC), inicialmente desenvolvida por Gibaud-Wiallston e Wandersman (1978, cit. in Johnston & Mash, 1989), é um instrumento de autorresposta que tem como objetivo avaliar a competência parental percebida, de pais de crianças com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos (Johnston & Mash, 1989). A versão original é constituída por 17 itens, distribuídos por dois fatores: a Satisfação (dimensão afetiva que reflete a frustração, ansiedade e motivação dos pais) com nove itens, e a Eficácia (dimensão instrumental que representa a competência dos pais, a sua capacidade para resolverem problemas e a sua familiarização com a função parental) com oito itens (Johnston & Mash, 1989). A resposta a cada item é atribuída em função de uma escala tipo Likert de cinco pontos, variável entre 1 “Concordo Plenamente” e 5 “Discordo Totalmente”. O resultado da escala total e os resultados para cada um dos fatores obtém-se através da soma das pontuações de cada item, sendo que existem oito itens com cotação invertida, de forma a que um resultado mais elevado represente sempre um maior sentido de competência parental (Johnston & Mash, 1989). Foram obtidas boas propriedades psicométricas, com um coeficiente de alfa de Cronbach de .79 para a escala total, .75 para o fator Satisfação e .76 para o fator Eficácia (Johnston & Mash, 1989).

Para a presente investigação foi utilizada a versão portuguesa da PSOC (Tradução e adaptação portuguesa de Seabra-Santos & Pimentel, 2007; Seabra-Santos et al., 2015), que apresenta uma estrutura fatorial semelhante à versão original, constituída por dois fatores, denominados também de Satisfação e Eficácia. Contém um total de 16 itens, uma vez que se excluiu o item 17 por não se enquadrar conceptualmente em nenhum dos dois fatores, tal como já aconteceu em outras investigações (Ohan et al., 2000; Rogers & Matthews, 2004). Neste sentido, o fator Satisfação integra nove itens (e.g., “Ser mãe/pai faz-me sentir tensa/o e ansiosa/o”) e o fator Eficácia, sete itens (e.g., “Honestamente, acredito que tenho todas as capacidades necessárias para ser uma boa mãe/um bom pai”) (Seabra-Santos et al., 2015). Os estudos de precisão da versão portuguesa da PSOC demonstraram boas propriedades psicométricas com um coeficiente de alfa de Cronbach de .76 para a escala total, .75 para o fator Satisfação e .72 para o fator Eficácia (Seabra-

Santos et al., 2015). No presente estudo foram obtidos coeficientes de consistência interna de .80 para a escala total, .77 para o fator Satisfação e .79 para o fator Eficácia.

## Capítulo 3. Resultados

### 3.1. Estudo 1

#### 3.1.1. Caracterização dos participantes

No primeiro estudo, a amostra total é constituída por 104 participantes. Primeiramente, serão descritas as características sociodemográficas dos pais, nomeadamente quem foi o respondente, a idade, o estado civil, a escolaridade e a situação profissional. Posteriormente, serão apresentados os dados sociodemográficos referentes às crianças, tais como o sexo, a idade e se tem ou não irmãos.

Através da Tabela 1 é possível observar-se que a maioria dos respondentes foram as mães das crianças (76.0%), sendo que alguns dos pais (20.2%) também responderam aos questionários. As mães das crianças têm em média 40.37 anos ( $DP = 4.69$ ), com idades compreendidas entre os 28 e os 52 anos. Por sua vez, os pais têm em média 43.57 anos ( $DP = 6.38$ ), com idades entre os 32 e os 61 anos. Em relação ao estado civil, tanto as mães como os pais são maioritariamente casados ou vivem em união de facto (77.9%). Quanto ao nível de escolaridade, 64.4% das mães e 49.0% dos pais concluíram o ensino superior. No que diz respeito à situação profissional, 85.6% das mães e 88.5% dos pais encontram-se profissionalmente ativos.

**Tabela 1**

*Características sociodemográficas dos participantes*

Variável	<i>N</i>	%
<b>Respondente</b>		
Mãe	79	76.0
Pai	21	20.2
Outro	1	1.0
<i>Missing</i>	3	2.9
<b>Idade da mãe</b>		
[20-29]	1	1.0
[30-39]	49	47.1
[40-49]	50	48.1

As rotinas da criança em idade escolar: Um estudo de adaptação e validação da versão portuguesa do *Child Routines Questionnaire*

[50-59]	4	3.8
	$M = 40.37; DP = 4.69$	
<b>Idade do pai</b>		
[30-39]	28	26.9
[40-49]	55	52.9
[50-59]	16	15.4
[60-69]	2	1.9
<i>Missing</i>	3	2.9
	$M = 43.57; DP = 6.38$	
<b>Estado civil da mãe</b>		
Solteira	8	7.7
Casada/União de Facto	81	77.9
Divorciada/Separada	10	9.6
Viúva	1	1.0
<i>Missing</i>	4	3.8
<b>Estado civil do pai</b>		
Solteiro	5	4.8
Casado/União de Facto	81	77.9
Divorciado/Separado	10	9.6
Viúvo	1	1.0
<i>Missing</i>	7	6.7
<b>Escolaridade da mãe</b>		
3º ciclo	9	8.7
Ensino Secundário/Ensino técnico	26	25.0
Ensino Superior	67	64.4
<i>Missing</i>	2	1.9
<b>Escolaridade do pai</b>		
2º ciclo	3	2.9
3º ciclo	12	11.5
Ensino Secundário/Ensino técnico	33	31.7
Ensino Superior	51	49.0
<i>Missing</i>	5	4.8
<b>Situação profissional da mãe</b>		
Profissionalmente ativa	89	85.6
Dona de casa	4	3.8
Procura de trabalho	7	6.7
Outra situação	2	1.9
<i>Missing</i>	2	1.9

<b>Situação profissional do pai</b>		
Profissionalmente ativo	92	88.5
Reformado/Pensionista	3	2.9
Procura de trabalho	3	2.9
Outra situação	2	1.9
<i>Missing</i>	4	3.8

A Tabela 2 contém os dados relativos à caracterização das crianças, verificando-se que 57.7% são do sexo masculino e 41.3% são do sexo feminino. No que diz respeito à idade, as crianças têm idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos ( $M = 8.43$ ,  $DP = 1.76$ ), sendo os 8 anos a idade mais representada na amostra (22.1%). A maioria das crianças tem irmãos (68.3%).

**Tabela 2**

*Dados sociodemográficos das crianças*

Variável	<i>N</i>	%
<b>Sexo</b>		
Masculino	60	57.7
Feminino	43	41.3
<i>Missing</i>	1	1.0
<b>Idade</b>		
6 anos	16	15.4
7 anos	19	18.3
8 anos	23	22.1
9 anos	19	18.3
10 anos	11	10.6
11 anos	9	8.7
12 anos	7	6.7
$M = 8.43$ ; $DP = 1.76$		
<b>Ter irmãos</b>		
Não	33	31.7
Sim	71	68.3

### 3.1.2. Análise descritiva itens CRQ-PT

Em seguida iremos apresentar, sucintamente, a análise descritiva dos 39 itens do CRQ-PT, tendo em consideração a média, o desvio-padrão, os valores mínimos e máximos, a moda, a assimetria e a curtose.

No Anexo B, encontra-se representada a tabela com os dados referentes à análise descritiva dos 39 itens do CRQ-PT. É possível verificar-se que os itens 7 ( $M = 3.77$ ;  $DP = 0.51$ ) e 13 ( $M = 3.83$ ;  $DP = 0.41$ ) têm as médias mais elevadas. Por oposição, os itens 20 ( $M = 0.86$ ;  $DP = 1.02$ ) e 33 ( $M = 0.50$ ;  $DP = 0.88$ ) apresentam as médias mais baixas. Em relação à moda, destacam-se os itens 10, 20 e 33 por apresentarem uma moda igual a 0. Quanto à escala de cotação, observa-se que a maioria dos itens abrange toda a amplitude da escala de *Likert* (0-4), sendo que o valor de cotação com maior frequência foi o 4, correspondendo à pontuação máxima da escala de resposta (“*Quase Sempre*”). No que diz respeito à assimetria, todos os itens apresentam valores negativos, à exceção dos itens 5, 8, 30 e 33. Quanto à curtose, os valores são positivos para a maioria dos itens, com exceção dos itens 4, 5, 8, 10, 15, 18, 26, 28 e 31. Por fim, os itens que mais se afastam da distribuição normal são o 6 (assimetria = -3.18; curtose = 12.89), o 7 (assimetria = -2.62; curtose = 8.68) e o 33 (assimetria = 1.88; curtose = 3.03).

### 3.1.3. Análise fatorial exploratória CRQ-PT

A Análise Fatorial Exploratória é caracterizada como uma técnica estatística, que procura identificar a estrutura subjacente de uma matriz de dados e determinar o número e a natureza das variáveis latentes (fatores) que explicam o conjunto inicial de variáveis observadas (ou manifestas) (Brown, 2006). Neste Estudo 1, realizou-se uma AFE com o objetivo de identificar a estrutura fatorial dos itens do CRQ-PT.

De acordo com a estrutura fatorial e as indicações de cotação da versão original do CRQ (Sytsma et al., 2001), consideraram-se para análise apenas 36 dos 39 itens que constituem o questionário, visto que os itens 10, 20 e 30, não entram na estrutura fatorial da versão original do CRQ. Para além destes três itens, foi também eliminado o item 33, que de acordo com a análise descritiva, revelou ser o item com a média mais baixa, um dos itens com uma moda igual a 0 e que mais se afastou da normalidade dos dados. Além disto, este mesmo item também foi removido no processo de validação da versão islandesa do CRQ (Halldórsdóttir & Óskarsdóttir, 2009) e é de salientar que na versão portuguesa do pré-escolar (CRQ:P; Cunha et al., 2021), os dois itens referentes a rotinas associadas à religião (rezar antes de ir para a cama e ir à missa) também foram eliminados. Assim, 35 itens do CRQ-PT foram submetidos a uma AFE, com recurso à Análise de Componentes Principais (ACP) e rotação ortogonal *Varimax*. Estas decisões metodológicas foram congruentes com os procedimentos utilizados na validação da versão original do CRQ, assim como da sua versão islandesa (CRQ-IS).

Antes de se proceder à realização da AFE, foi necessário verificar se os dados eram passíveis de serem submetidos a este tipo de análise. Deste modo, para se avaliar a adequabilidade da amostra, recorreu-se ao cálculo do índice de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) (para o qual são aceitáveis valores acima de .60) (Tabachnick & Fidell, 2007). Obteve-se um valor de KMO de .63, que apesar de ser apenas ligeiramente superior ao valor aceitável, já possibilita a realização da AFE. Em complementaridade, o teste de esfericidade de *Bartlett* apresentou um resultado de  $X^2(630) = 1386.21, p < .05$  o que indica que a matriz de correlações difere de forma significativa da matriz de identidade (Tabachnick & Fidell, 2007), demonstrando, igualmente, a possibilidade de submeter os dados à AFE.

Para se determinar o número de componentes a reter, utilizou-se o critério de *Kaiser-Guttman*, que considera a retenção de fatores com *eigenvalue* > 1 (Shrestha, 2021). A análise da solução inicial apontava para a extração de 12 componentes que apresentavam valores próprios superiores a 1 e que explicavam 70.35% da variância total (cf. Anexo C). Devido ao número excessivo de componentes, optou-se por recorrer a um segundo critério, o *Scree Test* de *Cattell*. Ao considerarmos a localização da mudança de declive no gráfico *scree plot* (cf. Anexo D), observamos que esta sugere a retenção de um número de fatores entre 3 e 5. Deste modo, procedeu-se à realização da AFE forçando a extração a 3, 4 e 5 fatores (procedimento idêntico utilizado na versão original), com o objetivo de reter os itens nos respetivos componentes. Quanto à decisão de retenção dos itens, há autores que indicam valores de .40 (Costello & Osborne, 2005) e de .32 (Tabachnick & Fidell, 2007). No presente estudo, optou-se pelo valor intermédio de associação com o respetivo fator de .38, uma vez que demonstrou ser a opção mais válida e parcimoniosa. Através da análise às diversas soluções fatoriais obtidas, constatou-se que as soluções compostas por três e cinco componentes não eram adequadas, porque, apesar de ambas apresentarem componentes consistentes com a versão original (e.g., Rotinas da Vida Diária e Responsabilidades Domésticas), os restantes componentes eram constituídos por uma mistura de itens com conteúdos teoricamente distintos e incongruentes. Relativamente à solução fatorial com quatro componentes, observou-se que, apesar da eliminação de dois itens (19 e 34) com saturações inferiores a .38, se revelou como a solução fatorial mais ajustada aos dados, tanto a nível estatístico como teórico. Assim, esta solução acaba também por ser congruente com a estrutura fatorial de quatro fatores da versão original do CRQ e da versão islandesa (CRQ-IS).

Na Tabela 3 estão representados os resultados da AFE, através dos quais é possível observar uma solução final de 33 itens, constituída por quatro fatores que explicam 42.15% da variância total.

**Tabela 3**

*Resultados da análise fatorial exploratória: CRQ-PT*

Itens CRQ-PT <sup>a</sup>	Componentes <sup>b</sup>			
	1	2	3	4
<b>1. Rotinas da Vida Diária</b>				
29. “toma o pequeno-almoço à mesma hora”	<b>.72</b>	.06	.07	.09
11. “rotina antes de dormir”	<b>.65</b>	.12	.20	.20
21. “vai para a cama à mesma hora”	<b>.62</b>	.07	-.13	-.08
1. “rotina da manhã”	<b>.60</b>	.27	.04	-.10
17. “lava os dentes antes de ir para a cama”	<b>.59</b>	.19	.03	.14
7. “abraça ou dá um beijo aos pais antes de ir para a cama”	<b>.58</b>	-.05	.14	.33
16. “janta à mesma hora”	<b>.53</b>	.08	-.12	-.01
24. “lava as mãos depois de ir à casa-de-banho”	<b>.53</b>	-.04	.21	.10
9. “conversa diariamente com um dos pais”	<b>.50</b>	.34	.20	-.03
13. “acorda à mesma hora nos dias de semana”	<b>.44</b>	.05	-.01	-.00
6. “come as refeições à mesa”	<b>.43</b>	.36	-.05	.00
<b>2. Trabalhos de Casa e Interação Familiar</b>				
39. “estuda/prepara-se para os testes”	.04	<b>.76</b>	.02	.01
38. “acabar os TPC”	.20	<b>.61</b>	.05	.15
35. “mostra aos pais os trabalhos”	.23	<b>.61</b>	-.06	.01
3. “conversa sobre o seu dia”	-.02	<b>.54</b>	.25	.08
2. “sabe o que acontece se não seguir as instruções dos pais”	.08	<b>.51</b>	-.02	.36
26. “participa na preparação dos eventos em família”	.04	<b>.49</b>	.16	.11
32. “é elogiado/a ou recompensado/a pôr bom comportamento”	.26	<b>.45</b>	.02	.26
36. “faz os TPC à mesma hora”	.25	<b>.45</b>	.09	.07
37. “tem a supervisão de um adulto”	.27	<b>.40</b>	.13	-.05
<b>3. Responsabilidades Domésticas</b>				
8. “arruma/limpa a mesa sempre que come”	.13	.06	<b>.76</b>	.09
18. “apanha a roupa suja”	.10	.10	<b>.66</b>	.12
22. “ajuda a arrumar/limpar a mesa depois das refeições”	-.08	.37	<b>.64</b>	-.03
5. “arruma o quarto”	-.03	.01	<b>.61</b>	-.03
31. “ajuda a arrumar as compras”	-.07	.32	<b>.58</b>	-.06
4. “tem tarefas regularmente”	-.18	.51	<b>.51</b>	.09
28. “arruma os brinquedos”	.15	-.06	<b>.48</b>	.10
<b>4. Rotinas de Disciplina</b>				
25. “é disciplinado/castigado por mau comportamento”	.08	.03	.04	<b>.83</b>
27. “recebe pequenos/grandes castigos”	-.01	.04	-.12	<b>.80</b>
23. “tem de cumprir limites”	-.00	.21	.35	<b>.60</b>
15. “é recompensado/a pôr bom comportamento”	.01	.25	.10	<b>.57</b>
12. “tem regras em casa”	.25	-.10	.43	<b>.39</b>
14. “terminar responsabilidades antes de brincar”	.32	.20	.08	<b>.38</b>
Valores próprios	4.13	3.73	3.25	2.80
Percentagem da variância	12.51	11.29	9.86	8.49

*Nota.* <sup>a</sup> Os itens são apresentados numa versão reduzida, mas compreensível quanto ao seu conteúdo. <sup>b</sup> Em cada componente, as saturações fatoriais iguais ou superiores a .38 encontram-se a negrito. Os itens com dupla saturação encontram-se interligados por uma caixa, sendo que a saturação fatorial realçada a negrito representa a opção selecionada relativamente à inclusão num dos componentes.

Um primeiro componente designado de Rotinas da Vida Diária que explica 12.51% da variância total e inclui 11 itens (saturações fatoriais entre .43 e .72) relativos às atividades da vida diária, como a rotina da manhã, a rotina da hora de dormir e as refeições. Um segundo componente denominado de Trabalhos de Casa e Interação familiar que contribui com 11.29% para a variância total e contém um total de nove itens (saturações fatoriais entre .40 e .76) referentes às rotinas dos trabalhos de casa e à comunicação, partilha de acontecimentos diários e convivência familiar. Um terceiro componente intitulado de Responsabilidades Domésticas que é responsável por 9.86% da variância total e composto por sete itens (saturações fatoriais entre .48 e .76), relacionados com as tarefas domésticas e as responsabilidades pessoais. Apesar de um dos seus itens (item 4) saturar também no componente 2, decidiu-se fixá-lo neste fator, devido ao facto de estar incluído no componente Responsabilidades Domésticas na versão original e também tendo em conta o seu conteúdo teórico. Por fim, um quarto componente designado de Rotinas de Disciplina que explica 8.49% da variância total e consiste em seis itens (saturações fatoriais entre .38 e .83) associados a regras, métodos de disciplina e tarefas familiares estruturadas. Embora o item 12 sature igualmente no componente 3, e até apresente uma saturação mais elevada nesse fator, optou-se por incluí-lo neste componente 4, dado que na versão original está associado ao fator com a mesma designação e também porque o seu conteúdo é teoricamente congruente com este componente.

#### 3.1.4. Fiabilidade do CRQ-PT

De forma a apresentar um estudo de evidência de fiabilidade do CRQ-PT, procedeu-se ao cálculo do índice de consistência interna, com recurso ao coeficiente alfa de Cronbach. Na Tabela 4, estão representadas as correlações item-total corrigidas ( $r < .30$ ) e o valor do coeficiente alfa de Cronbach com eliminação de item. Para a interpretação do alfa de Cronbach, foram considerados os valores de referência de Pereira e Patrício (2016):  $\leq .50$  “Inadmissível”; entre .50 e .60 “Fracas”; entre .60 e .70 “Aceitável”; entre .70 e .90 “Boa”; e entre .90 e 1 “Muito Boa”.

Atendendo aos valores da Tabela 4, é possível verificar-se que a escala total do CRP-PT apresentou um alfa de Cronbach de .86. A correlação item-total corrigida oscilou

entre .19 e .49. De notar que os itens 5, 13, 16, 21, 27 e 28 apresentaram correlações inferiores a .30. No entanto, a sua exclusão não conduziria a um aumento do valor de alfa de Cronbach.

#### **Tabela 4**

*Correlações item-total e coeficiente de alfa de Cronbach com exclusão de item: CRQ-PT- Escala total*

Item	Correlação do item-total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído	Item	Correlação do item-total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
<b>1</b>	.40	.86	<b>21</b>	.19	.86
<b>2</b>	.41	.85	<b>22</b>	.42	.85
<b>3</b>	.40	.85	<b>23</b>	.48	.85
<b>4</b>	.45	.85	<b>24</b>	.31	.86
<b>5</b>	.24	.86	<b>25</b>	.36	.86
<b>6</b>	.33	.86	<b>26</b>	.36	.86
<b>7</b>	.39	.86	<b>27</b>	.23	.86
<b>8</b>	.46	.85	<b>28</b>	.26	.86
<b>9</b>	.46	.85	<b>29</b>	.40	.86
<b>11</b>	.48	.85	<b>31</b>	.35	.86
<b>12</b>	.37	.86	<b>32</b>	.45	.85
<b>13</b>	.21	.86	<b>35</b>	.40	.85
<b>14</b>	.41	.85	<b>36</b>	.40	.85
<b>15</b>	.37	.86	<b>37</b>	.37	.86
<b>16</b>	.21	.86	<b>38</b>	.49	.85
<b>17</b>	.42	.85	<b>39</b>	.42	.85
<b>18</b>	.46	.85			

Coefficiente de alfa de Cronbach = .86

Tendo em consideração a Tabela 5, podemos constatar que a subescala Rotinas da Vida Diária apresentou um alfa de Cronbach de .79. A correlação item-total corrigida oscilou entre .27 e .60. Nesta subescala, salientamos que apenas o item 13 apresentou uma correlação inferior a .30. Porém, a sua eliminação não se traduziria numa melhoria do valor de alfa de Cronbach.

**Tabela 5**

*Correlações item-total e coeficiente de alfa de Cronbach com exclusão de item: CRQ-PT- Subescala Rotinas da Vida Diária*

Item	Correlação do item-total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
<b>1</b>	.60	.76
<b>6</b>	.32	.79
<b>7</b>	.53	.77
<b>9</b>	.49	.77
<b>11</b>	.60	.76
<b>13</b>	.27	.79
<b>16</b>	.37	.78
<b>17</b>	.50	.77
<b>21</b>	.45	.78
<b>24</b>	.38	.79
<b>29</b>	.56	.76

Coefficiente de alfa de Cronbach = .79

Analisando a Tabela 6, podemos concluir que a subescala Trabalhos de Casa e Interação Familiar apresentou um alfa de Cronbach de .77. A correlação item-total corrigida situou-se entre .35 e .59. Verifica-se, ainda, que todos os itens evidenciaram correlações superiores a .30.

**Tabela 6**

*Correlações item-total e coeficiente de alfa de Cronbach com exclusão de item: CRQ-PT- Subescala Trabalhos de Casa e Interação Familiar*

Item	Correlação do item-total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
<b>2</b>	.37	.77
<b>3</b>	.35	.76
<b>26</b>	.36	.77
<b>32</b>	.42	.75
<b>35</b>	.49	.74
<b>36</b>	.49	.74
<b>37</b>	.40	.75
<b>38</b>	.59	.72
<b>39</b>	.59	.72

Coefficiente de alfa de Cronbach = .77

Através da Tabela 7, é possível observar-se que a subescala Responsabilidades Domésticas apresentou um alfa de Cronbach de .78. A correlação item-total corrigida variou entre .30 e .62. Destaca-se ainda que nenhum dos itens apresentou correlações inferiores a .30.

### **Tabela 7**

*Correlações item-total e coeficiente de alfa de Cronbach com exclusão de item: CRQ-PT- Subescala Responsabilidades Domésticas*

Item	Correlação do item-total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
<b>4</b>	.49	.75
<b>5</b>	.51	.75
<b>8</b>	.62	.73
<b>18</b>	.50	.75
<b>22</b>	.61	.73
<b>28</b>	.30	.79
<b>31</b>	.51	.75

Coeficiente de alfa de Cronbach = .78

Como consta na Tabela 8, a subescala Rotinas de Disciplina apresentou um alfa de Cronbach de .71. A correlação item-total posicionou-se entre .33 e .62. Denota-se também que todos os itens deste fator revelaram valores superiores a .30.

### **Tabela 8**

*Correlações item-total e coeficiente de alfa de Cronbach com exclusão de item: CRQ-PT- Subescala Rotinas de Disciplina*

Item	Correlação do item-total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
<b>12</b>	.33	.70
<b>14</b>	.35	.70
<b>15</b>	.43	.69
<b>23</b>	.46	.67
<b>25</b>	.62	.61
<b>27</b>	.48	.66

Coeficiente de alfa de Cronbach = .78

### 3.1.5. Intercorrelações entre a subescalas do CRQ-PT

As intercorrelações entre as subescalas do CRQ-PT foram calculadas através do coeficiente de correlação de Pearson. Adotaram-se os critérios de Cohen (1988) para se classificar as correlações: valores entre .10 e .29 são preditores de uma correlação fraca; valores entre .30 e .49 uma correlação moderada; e valores entre .50 e 1 uma correlação forte.

Através da Tabela 9 é possível verificar-se que os valores absolutos de magnitude das correlações oscilaram entre .16 e .44. Observou-se também a existência de correlações estatisticamente significativas entre a maioria das subescalas, sendo o valor mais elevado entre os Trabalhos de Casa e Interação Familiar e as Rotinas da Vida Diária ( $r = .44, p < .001$ ). A subescala Responsabilidades Domésticas não apresentou uma correlação estatisticamente significativa com a dimensão Rotinas da Vida Diária.

**Tabela 9**

*Intercorrelações entre as subescalas do CRQ-PT*

	1.	2.	3.	4.
1. Rotinas da Vida Diária				
2. Trabalhos de Casa e Interação Familiar	.44***			
3. Responsabilidades Domésticas	.16	.40***		
4. Rotinas de Disciplina	.25*	.35***	.28**	

\*\*\*  $p < .001$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$

## 3.2. Estudo 2

### 3.2.1. Caracterização dos participantes

Neste segundo estudo, a amostra total é composta por 142 participantes. Tal como aconteceu no Estudo 1 iremos, numa primeira fase, descrever as características sociodemográficas dos pais e, numa fase posterior, apresentar os dados sociodemográficos das crianças.

Tendo em consideração os dados da Tabela 10 podemos verificar que a maioria dos respondentes corresponderam às mães das crianças (79.6%) e os restantes aos pais (19.0%). As mães das crianças têm idades compreendidas entre os 26 e os 48 anos, com um valor médio de 38.43 ( $DP = 4.59$ ), enquanto os pais das crianças têm idades entre os 26 e os 69 anos, com um valor médio de 40.56 ( $DP = 6.07$ ). Quanto ao estado civil, tanto a maior parte das mães (78.9%) como dos pais (78.9%) encontra-se casada ou em união

de facto. Em relação à escolaridade, a maioria das mães concluiu o ensino superior (50.7%), ao passo que 35.9% dos pais terminou o ensino secundário/técnico. Relativamente à situação profissional, 82.4% das mães e 93.7% dos pais encontram-se profissionalmente ativos.

**Tabela 10**

*Características sociodemográficas dos participantes*

Variável	N	%
<b>Respondente</b>		
Mãe	113	79.6
Pai	27	19.0
Outro	1	0.7
<i>Missing</i>	1	0.7
<b>Idade da mãe</b>		
[20-29]	6	4.2
[30-39]	74	52.1
[40-49]	62	43.7
$M = 38.43; DP = 4.59$		
<b>Idade do pai</b>		
[20-29]	3	2.1
[30-39]	64	45.1
[40-49]	65	45.8
[50-59]	6	4.2
[60-69]	2	1.4
<i>Missing</i>	2	1.4
$M = 40.56; DP = 6.07$		
<b>Estado civil da mãe</b>		
Solteira	13	9.2
Casada/União de Facto	112	78.9
Divorciada/Separada	15	10.6
Viúva	2	1.4
<b>Estado civil do pai</b>		
Solteiro	12	8.5
Casado/União de Facto	112	78.9
Divorciado/Separado	13	9.2
<i>Missing</i>	5	3.5
<b>Escolaridade da mãe</b>		
1ºciclo	1	.7
2ºciclo	5	3.5
3ºciclo	24	16.9

Ensino Secundário/Ensino Técnico	39	27.5
Ensino Superior	72	50.7
<i>Missing</i>	1	0.7
<b>Escolaridade do pai</b>		
1º ciclo	2	1.4
2º ciclo	10	7.0
3º ciclo	29	20.4
Ensino Secundário/Ensino Técnico	51	35.9
Ensino Superior	45	31.7
<i>Missing</i>	5	3.5
<b>Situação profissional da mãe</b>		
Profissionalmente ativa	117	82.4
Estudante	2	1.4
Dona de casa	9	6.3
Procura de trabalho	10	7.0
Outra situação	2	1.4
<i>Missing</i>	2	1.4
<b>Situação profissional do pai</b>		
Profissionalmente ativo	133	93.7
Reformado/Pensionista	2	1.4
Procura de trabalho	2	1.4
Outra situação	2	1.4
<i>Missing</i>	3	2.1

No que diz respeito às crianças, e tal como se pode verificar na Tabela 11, existe uma distribuição idêntica das crianças para a variável sexo (49.3%). Em relação à idade, as crianças têm idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos, com uma maior representatividade de crianças com 8 e (28.2%) e 9 anos de idade (29.6%). A média das idades é de 7.69 ( $DP = 1.09$ ). A maioria das crianças tem irmãos (69.7%).

**Tabela 11**

*Dados sociodemográficos das crianças*

Variável	<i>N</i>	%
<b>Sexo</b>		
Masculino	70	49.3
Feminino	70	49.3
Missing	2	1.4
<b>Idade</b>		
6 anos	26	18.3
7 anos	34	23.9
8 anos	40	28.2
9 anos	42	29.6
<i>M</i> = 7.69; <i>DP</i> = 1.09		
<b>Ter irmãos</b>		
Não	43	30.3
Sim	99	69.7

### 3.2.2. Análise fatorial confirmatória CRQ-PT

Neste Estudo 2, o modelo fatorial do CRQ-PT obtido no Estudo 1 foi submetido a uma análise fatorial confirmatória (AFC), com recurso ao método da máxima verosimilhança. Através da AFC, procurou avaliar-se a qualidade de ajustamento do modelo teórico relativo à estrutura correlacional observada entre as variáveis manifestas (Marôco, 2010). Deste modo, avaliou-se a qualidade de ajustamento global através dos seguintes índices de qualidade de ajustamento: o teste de ajustamento do Qui-Quadrado e respetivos graus de liberdade ( $X^2/gl$ ); o índice de ajustamento comparativo (CFI; *Comparative Fit Index*); o índice de discrepância populacional (RMSEA; *Root Mean Square Error of Approximation*) e o índice de parcimónia (PCFI; *Parsimony CFI*). Consideraram-se os seguintes valores de referência propostos por Marôco (2010): valores de  $X^2/gl$  entre 1 e 2 como indicadores de um bom ajustamento e valores próximos de 1 como indicadores de um ajustamento muito bom; valores de CFI entre .90 e .95 considerados como indicador de um bom ajustamento e valores superiores a .95 de um ajustamento muito bom; valores de RMSEA entre .10 e .05 são indicativos de um bom ajustamento e valores inferiores a .05 de um ajustamento muito bom; e valores de PCFI entre .60 e .80 são considerados como indicando um bom ajustamento e valores superiores a .80 um ajustamento muito bom. Por outro lado, a qualidade do ajustamento local foi avaliada pelos pesos fatoriais e pela fiabilidade individual dos itens ( $R^2$ ).

Como se pode verificar na Tabela 12, em termos globais, o ajustamento não foi totalmente adequado,  $\chi^2(489) = 790.20$ ,  $p < .001$ , tendo-se obtido um valor de CFI de .80, apesar de os restantes índices,  $\chi^2/gl = 1.62$ ; RMSEA = .07; PCFI = .74, apresentarem valores que se encontram dentro do intervalo da aceitabilidade. Neste sentido, foi necessário proceder-se à reespecificação do modelo inicial, com vista a uma melhoria significativa do ajustamento do modelo aos dados obtidos. Considerando os valores dos índices de modificação (IM) disponibilizados pelo programa AMOS, decidiu-se estimar livremente o parâmetro de covariância entre os resíduos dos itens 39 (e39) e 38 (e38), por apresentar o valor mais elevado de IM (IM = 26.22) e atendendo ao facto de o conteúdo teórico destes dois itens estar relacionado com o domínio escolar (item 39 “estuda/prepara-se para os testes ou exercícios da escola”; item 38 “acabar os TPC”), estando associados ao mesmo fator. Os resultados obtidos, através da AFC deste primeiro modelo revisto, apontam para uma ligeira melhoria do ajustamento global do modelo,  $\chi^2(488) = 761.21$ ,  $p < .001$ , ainda que o valor do CFI obtido continue inferior a .90. Posto isto, optou-se, uma vez mais, pela possibilidade de melhorar a adaptação do modelo, tendo em conta os valores dos IM obtidos na análise fatorial confirmatória do modelo revisto 1. Assim, optou-se por estimar livremente o parâmetro de covariância entre os erros de medida e26 e e31 (IM = 22.39). Contudo, esta opção só foi tomada após a análise conceptual dos itens 26 (“ajuda a decidir e a preparar os eventos ou atividades de lazer feitos em família” e 31 (“ajuda a arrumar as compras quando se chega a casa depois de ir ao supermercado”), que, apesar de na versão portuguesa integrarem subescalas diferentes, na versão original do CRQ estão incluídos na mesma subescala (Rotinas de Disciplina). Os resultados deste modelo revisto 2 demonstraram, de um modo geral, um ajustamento mais satisfatório,  $\chi^2(487) = 735.01$ ,  $p < .001$ , ainda que índice de qualidade CFI se mantenha distante do valor correspondente a um ajustamento bom. Sendo assim, e considerando novamente os IM, decidiu-se estimar livremente o parâmetro de covariância entre os resíduos dos itens 25 (e25) e 27 (e27) (IM= 16.78). Esta decisão justificou-se através da análise do conteúdo dos itens, que nos indica que, para além de integrarem a mesma subescala (Rotinas de Disciplina), são constituídos por expressões semelhantes “é disciplinado/castigado” e “recebe pequenos castigos”. Obteve-se, finalmente, um modelo mais adequado (Figura 1),  $\chi^2(486) = 716.01$ ,  $p < .001$ , com um valor do CFI já mais próximo de .90. Destaca-se, ainda, o facto de o valor de CFI poder ser inferior em modelos com um número elevado de variáveis analisadas em amostras pequenas (Marôco, 2010). Já os valores obtidos para o  $\chi^2/gl$ , RMSEA e PCFI indicam um ajustamento bom do modelo.

**Tabela 12**

*Índices de ajustamento do modelo CRQ-PT*

	$\chi^2/gl$	CFI	RMSEA (IC 90%)	PCFI
<b>Modelo Inicial</b>	1.62	.80	.07 (.06-.07) <sup>a</sup>	.74
<b>Modelo Revisto 1</b>	1.56	.82	.06 (.05-.07) <sup>b</sup>	.76
<b>Modelo Revisto 2</b>	1.51	.84	.06 (.05-.07) <sup>c</sup>	.77
<b>Modelo Final</b>	1.48	.85	.06 (.05-.07) <sup>d</sup>	.78

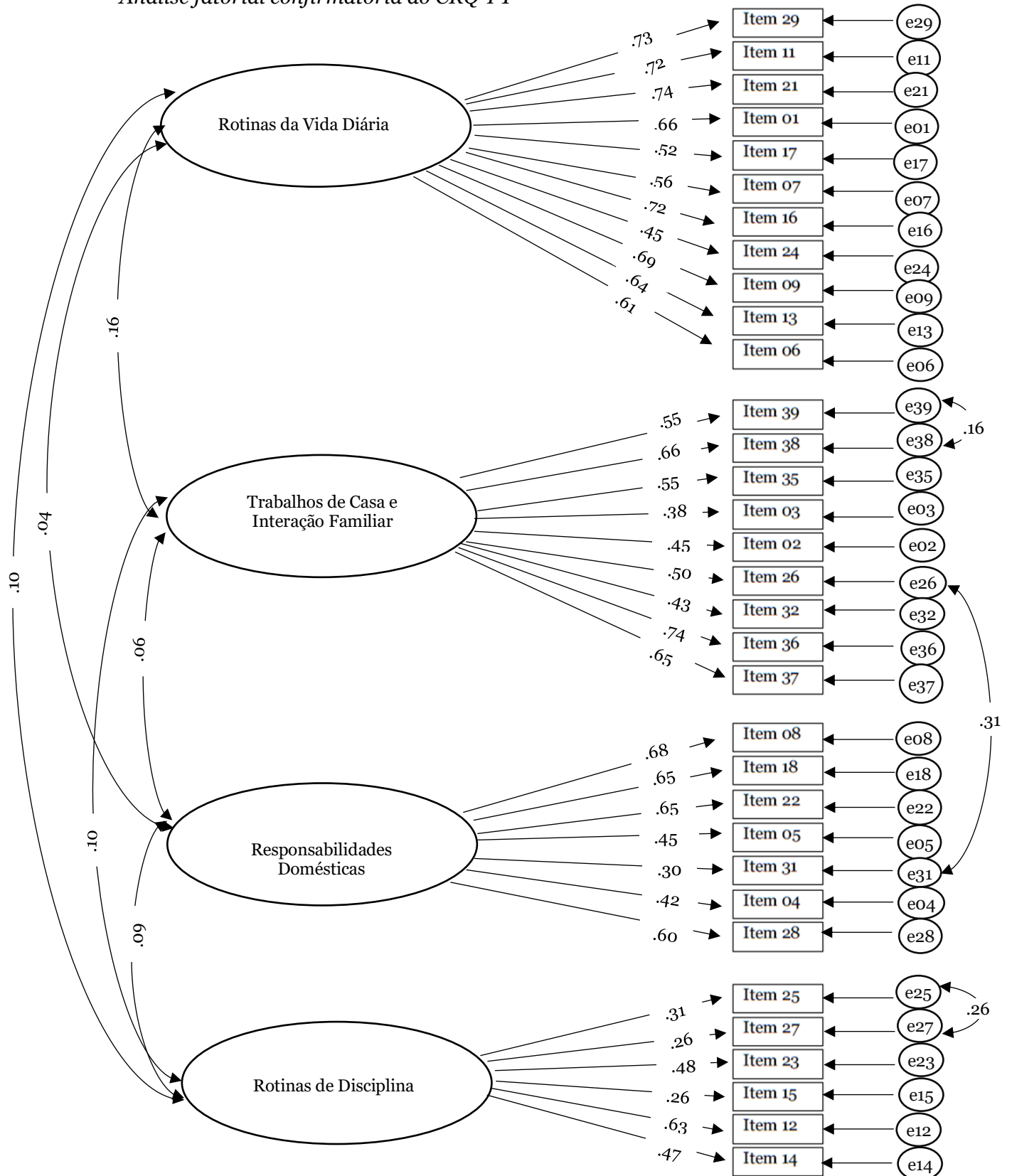
<sup>a</sup>P[RMSEA ≤ .05] < .001; <sup>b</sup>P[RMSEA ≤ .05] < .008; <sup>c</sup>P[RMSEA ≤ .05] < .034; <sup>d</sup>P[RMSEA ≤ .05] < .075.

Relativamente à avaliação do ajustamento local do modelo CRQ-PT, obtiveram-se pesos fatoriais estandardizados iguais ou superiores a .50 na maioria dos itens, com exceção dos itens 24, 3, 2, 32, 5, 31, 4, 25, 27, 23, 15, 14 (.26 - .48). Todas as estimativas não estandardizadas foram significativas ( $p < .05$ ). Em relação à fiabilidade dos itens, avaliada através do coeficiente de correlação múltipla  $R^2$ , a maioria apresentou valores satisfatórios ( $> .25$ ), à exceção dos itens 14, 15, 23, 27, 25, 04, 31, 5, 32, 2, 3, 24 ( $R^2 = .07 - .23$ ).

Os resultados obtidos, tanto para o ajustamento global como para o ajustamento local, permitem-nos concluir que o modelo em estudo se revela suficientemente apropriado para explicar a estrutura fatorial das variáveis observadas na amostra.

**Figura 1**

*Análise fatorial confirmatória do CRQ-PT*



Nota. Modelo Final com 33 itens, com as correlações entre os erros sugeridas pelos índices de modificação.

### 3.2.3. Correlações entre as subescalas do CRQ-PT e a subescala Hora de Jantar do FRQ

Com o objetivo de se avaliar a validade de construto do CRQ-PT, recorreu-se ao cálculo das correlações entre as subescalas do CRQ-PT e a subescala Hora de Jantar do FRQ. Como consta na Tabela 14, os valores absolutos de magnitude das correlações oscilaram entre .19 e .36. As subescalas Rotinas da Vida Diária, Trabalhos de Casa e Interação Familiar e Rotinas de Disciplina demonstraram correlações estatisticamente significativas com a subescala Hora de Jantar do FRQ, com valores entre .25 e 36. Por sua vez, a subescala Responsabilidades Domésticas não apresentou uma correlação estatisticamente significativa com a subescala Hora de Jantar do FRQ.

#### **Tabela 13**

*Correlações entre as subescalas do CRQ-PT e a subescala Hora de Jantar do FRQ*

	Hora de Jantar (FRQ)
1.Rotinas da Vida Diária	.33***
2.Trabalhos de Casa e Interação Familiar	.36***
3.Responsabilidades Domésticas	.19
4.Rotinas de Disciplina	.25**

\*\*\*  $p < .001$ ; \*\*  $p < .01$

### 3.2.4. Correlações entre as subescalas do CRQ-PT e as subescalas da escala de Sentido de Competência Parental (PSOC)

Ainda com a finalidade de contribuir para a avaliação da validade do CRQ-PT, procedeu-se à análise das correlações entre as subescalas do CRQ-PT e da PSOC. Como se pode verificar na Tabela 13, os valores absolutos de magnitude das correlações oscilaram entre .08 e .71. As subescalas Rotinas da Vida Diária e Trabalhos de Casa e Interação Familiar apresentaram correlações estatisticamente significativas com a subescala Satisfação da PSOC, com valores de .44 e .38, respetivamente. Já as subescalas Trabalhos de Casa e Interação Familiar, Responsabilidades Domésticas e Rotinas de Disciplina apresentaram correlações estatisticamente significativas com a subescala Eficácia da PSOC, com valores entre .17 e .23.

**Tabela 14**

*Correlações entre as subescalas do CRQ-PT e as subescalas da Escala de Sentido de Competência Parental (PSOC)*

	1.	2.	3.	4.	5.	6.
1.Rotinas da Vida Diária						
2.Trabalhos de Casa e Interação Familiar	.71***					
3.Responsabilidades Domésticas	.10	.26**				
4.Rotinas de Disciplina	.44***	.56***	.38***			
5.Satisfação (PSOC)	.44***	.38***	.08	.14		
6.Eficácia (PSOC)	.13	.23**	.23**	.17*	.30***	

\*\*\*  $p < .001$ ; \*\*  $p < .01$ ; \*  $p < .05$

## Capítulo 4. Discussão

Apesar de na literatura se verificar a existência de medidas de avaliação das rotinas das crianças em idade pré-escolar e escolar, em Portugal ainda não existia um instrumento validado que avaliasse as rotinas das crianças em idade escolar (6-12 anos). Neste sentido, a presente investigação teve como principal objetivo desenvolver um estudo exploratório e confirmatório, que contribuísse para a adaptação e validação do *Child Routines Questionnaire* (CRQ; Sytsma et al., 2001), para a população portuguesa.

No que diz respeito à amostra em estudo, é de notar que os respondentes foram maioritariamente as mães das crianças, tanto no primeiro (76.0%) como no segundo estudo (79.6%). Na versão original do CRQ (Sytsma et al., 2001), a amostra era apenas constituída por mães, sendo que na versão islandesa, 84.6% da amostra era composta por mães (Halldórsdóttir & Óskarsdóttir, 2009). Os resultados obtidos vão no sentido dos obtidos em estudos anteriores que utilizaram o CRQ, nomeadamente o de Henderson e colaboradores (2011), no qual se destaca a elevada percentagem de mães que participaram na investigação (93.0%), e ainda o de Stoppelbein e colaboradores (2016) em que 84.0% da amostra era constituída por mães. Acreditamos que estes dados possam estar relacionados com o facto de as mães ainda continuarem a desempenhar um papel mais central na vida dos filhos do que os pais, permitindo-lhes assim ter um maior envolvimento nas atividades diárias das crianças (Fernandes, 2015; Rolfsen & Martinez, 2008), e maior disponibilidade para participar em estudos desta natureza. Em relação às idades dos respondentes, no Estudo 1 as mães têm em média 40.37 anos e os pais 43.57 anos e no Estudo 2 as mães têm em média 38.43 anos e os pais 40.56 anos. Atendendo ao facto de que a maioria das crianças desta investigação têm entre 8 e 9 anos de idade, estes resultados podem refletir a tendência atual de adiar o nascimento do primeiro filho, corroborada pelos dados do Pordata (2020), que indicam que a idade média das mães aquando do nascimento do primeiro filho é de 31.4 anos. É ainda de referir que, no presente estudo, o nível de escolaridade parental demonstrou ser elevado, já que a grande maioria das mães e dos pais concluiu o ensino superior. Especificamente em relação ao nível de escolaridade das mães, de acordo com os dados do Pordata (2020), 47.3 % das mulheres em Portugal têm o ensino superior completo, o que pode contribuir para justificar a idade mais tardia em que as mulheres decidem ter o primeiro filho, podendo ter como prioridade investir na sua formação académica e só depois constituir família.

No Estudo 1, realizou-se primeiramente uma análise descritiva dos 39 itens do CRQ. Observou-se que os dois itens que apresentaram as médias mais elevadas foram o

item 7 (“abraça ou dá um beijo aos pais antes de ir para a cama”) e o item 13 (“acorda mais ou menos à mesma hora nos dias de semana”). O item 7 parece estar associado a uma rotina frequente nesta amostra, e que apesar de na literatura surgir mais associada às rotinas das crianças em idade pré-escolar (Spagnola & Fiese, 2007; Wittig, 2005), revelou também ser comum em crianças com 8 anos de idade (a idade mais comum neste estudo). Por sua vez, a média mais elevada obtida para o item 13 poderá ser justificada pelo facto de as crianças durante os dias da semana começarem as aulas quase sempre à mesma hora. Os resultados são consistentes com os obtidos por Costa (2018), que verificou que o horário de acordar da maioria das crianças em idade escolar, nos dias mais estruturados (i.e., os dias de escola), ocorre geralmente à mesma hora. Por outro lado, os dois itens que apresentaram as médias mais baixas foram o item 20 “lê ou ouve a Bíblia (ou outro livro religioso) com a família diariamente” e o item 33 “reza antes das refeições”, acabando por serem excluídos da AFE. Coutinho (2019) investigou a evolução da religiosidade em Portugal e constatou que nas últimas décadas têm-se observado uma diminuição das práticas religiosas, apontando, como um dos motivos, a educação familiar. Isto poderá ser explicado pela liberdade religiosa que os pais concedem aos filhos, que lhes permite, ao longo do seu desenvolvimento, refletir sobre as questões religiosas e tomar decisões sobre as suas próprias crenças (Russo, 2015). A maior parte dos itens apresentaram uma moda de 4, o que pode significar que a grande maioria das rotinas avaliadas pelo CRQ-PT estão regularmente presentes na vida diária das crianças da amostra do estudo. Em sentido oposto, destacam-se os itens 10, 20 e 33 por apresentaram uma moda igual a 0, o que nos indica que estas são as rotinas menos frequentes no quotidiano das crianças.

Posteriormente à análise descritiva, procedeu-se, então, à realização da AFE. De salientar que para esta análise consideramos apenas 36 dos 39 itens que compõem o questionário, uma vez que, de acordo com as autoras da versão original (Sytsma et al., 2001), os itens 10, 20 e 30 são utilizados para o cálculo do indicador de resposta defensiva, algo que não foi objeto de estudo na presente investigação. Além destes itens, foi também excluído o item 33, que, tal como mencionado anteriormente, apresentou a média mais baixa, uma moda igual a 0 e foi um os itens que mais se afastou da normalidade dos dados. Da mesma forma, este item também foi eliminado no processo de validação da versão islandesa do CRQ (Halldórsdóttir & Óskarsdóttir, 2009) e, na versão portuguesa do pré-escolar (CRQ:P; Cunha et al., 2021), os dois itens relativos às rotinas relacionadas com a religião (rezar antes de ir para a cama e ir à missa) foram também removidos. Deste modo, submetemos o total de 35 itens do CRQ-PT a uma AFE.

Primeiramente, foi necessário verificar se a matriz de dados poderia ser submetida ao processo de análise fatorial. O índice de KMO que, apesar de ser apenas

ligeiramente superior ao valor de .60, considerado aceitável por Tabachnick & Fidell (2007), possibilitou a realização da AFE. Uma possível explicação para este resultado será a dimensão reduzida da amostra deste Estudo 1 ( $N = 104$ ). Já o teste de esfericidade de *Bartlett* significativo permitiu a realização da AFE. Quanto ao número de componentes a reter, o critério de *Kaiser-Guttman* apontou para uma extração de 12 componentes. No entanto, a análise do gráfico *scree plot* sugeriu a retenção de um número de componentes entre 3 e 5, tal como foi verificado no processo de validação da versão original do CRQ (Sytsma et al., 2001). Por fim, observou-se que as soluções compostas por três e cinco componentes não eram adequadas, pois, apesar de ambas apresentarem componentes compatíveis com a versão original, os restantes componentes apresentavam um conjunto de itens com conteúdos teóricos diferenciados e incoerentes entre si. Assim, concluiu-se que a solução fatorial de quatro componentes seria a mais adequada, embora tenha sido necessário eliminar dois itens, o 19 (também foi eliminado na versão islandesa) e o 34, por demonstrarem saturações inferiores a .38 em todas as dimensões.

Os estudos de AFE apontaram para um modelo fatorial constituído por quatro componentes, responsável por 42.15% da variância total, sendo esta ligeiramente inferior à da versão original (44.2%) e superior à da versão islandesa (39.2%). Apesar de a estrutura de quatro componentes do CRQ-PT ser consistente com as duas versões já existentes, o número total de itens e a designação dos componentes não foram exatamente os mesmos. Assim, os resultados indicaram que o modelo fatorial do CRQ-PT integrava um total de 33 itens, número de itens idêntico ao da versão islandesa (33 itens), mas distinto da versão original (36 itens). Em relação às dimensões, obteve-se um primeiro componente intitulado de Rotinas da Vida Diária (congruente com o fator 1 da versão original, Rotinas da Vida Diária) constituído por 11 itens, relativos às atividades da vida diária da criança (e.g., rotina da manhã, rotina da hora de dormir, refeições). Deste conjunto de itens, apenas o item 24 (“lava as mãos depois de ir à casa de banho”) não consta da versão original. Contudo, o item é teoricamente coerente com o conteúdo da dimensão, já que lavar as mãos depois de ir à casa de banho pode ser considerada como uma atividade da vida diária das crianças em idade escolar. Na versão islandesa, as Rotinas da Vida Diária correspondem ao fator 3, que engloba maioritariamente os mesmos itens que o CRQ-PT e também que a versão original.

O segundo componente foi denominado de Trabalhos de Casa e Interação Familiar, uma vez que se verificou uma combinação de itens associados às rotinas dos trabalhos de casa e à comunicação, partilha de acontecimentos diários e convivência familiar. Este facto observou-se também na versão islandesa, razão pela qual as suas autoras designaram o fator 2 de Interação Familiar. Deste modo, optou-se por utilizar

também essa designação, adicionando o termo “Trabalhos de Casa” (atendendo ao facto de a maioria dos itens que compõem este componente se referir a rotinas associadas aos TPC). Este componente é constituído por um total de nove itens, dos quais cinco (35, 36, 37, 38, 39) compõem o fator 4 da versão original (Rotinas dos Trabalhos de Casa), podendo assim ser considerado como, em parte, equivalente a esse fator. Dos restantes itens, o item 3 (“conversa cada membro da família...”) pertence ao fator Rotinas da Vida Diária na versão original, mas ao analisar-se o seu conteúdo teórico constata-se que o facto de a criança conversar com os pais sobre o seu dia pode estar associado à comunicação, partilha de acontecimentos e convivência entre pais e filhos, ou seja, à interação familiar. Também na versão islandesa, este item está inserido no fator Interação Familiar. O item 2 (“sabe o que se acontece se não seguir as ordens dos pais...”) integra o fator Rotinas de Disciplina na versão original, porém, ao analisarmos o seu conteúdo teórico, percebemos que esta rotina pode estar relacionada com a interação familiar, uma vez que, de acordo com Silva e colaboradores (2008), durante as interações familiares são transmitidos padrões de comportamentos e atitudes que os pais consideram como adequados e corretos. Deste modo, este tipo de rotina pode funcionar como uma forma de prevenção de comportamentos desajustados. O item 26 (“participa na preparação dos eventos ou atividades de lazer...”) está incluído também no fator Rotinas de Disciplina na versão original, mas atendendo, ao seu conteúdo teórico e de acordo com a literatura, as atividades de lazer na idade escolar podem ser caracterizadas como experiências positivas que promovem a interação familiar, já que são realizadas em conjunto pelos vários membros da família (Hodge et al., 2015). Por último, o item 32 (“é elogiado/a ou recompensado/a pôr bom comportamento...”) integra igualmente o fator Rotinas de Disciplina na versão original, sendo, no entanto, teoricamente coerente este componente, já que o elogiar ou o recompensar os filhos por terem um determinado comportamento ocorre no contexto da interação familiar, como forma de premiar bons comportamentos e, conseqüentemente, transmitir às crianças o tipo de comportamentos que devem adotar.

O terceiro componente é designado de Responsabilidades Domésticas (correspondente ao fator 2 da versão original, Responsabilidades Domésticas) e contém um total de sete itens, que remetem para as tarefas domésticas e responsabilidades pessoais. Todos os itens constam da versão original, com exceção do item 31 (“ajuda a arrumar as compras quando se chega a casa depois de ir ao supermercado”), que apesar de pertencer ao fator Rotinas de Disciplina na versão original, no presente estudo, obteve maior associação com a dimensão Responsabilidades Domésticas. Em termos do seu conteúdo, a inclusão do item nesta dimensão é teoricamente justificável, dado que a expressão “arrumar as compras” é compatível com afirmações de outros itens deste fator,

tais como “arruma o quarto” ou “arruma os brinquedos”. Além disso, este item na versão islandesa faz também parte do fator Responsabilidades Domésticas. Um outro item, o 4 (“tem tarefas para fazer regularmente...”) saturou também no fator Trabalhos de Casa e Interação Familiar, mas, no entanto, optou-se por fixá-lo neste componente, uma vez que está associado ao fator Responsabilidades Domésticas na versão original e na versão islandesa. Outro motivo está relacionado com o seu conteúdo teórico, já que levar o lixo, ajudar com a roupa ou cuidar do animal de estimação podem ser consideradas como atividades domésticas realizadas pelas crianças (Schuette & Killen, 2009). Na versão islandesa, a dimensão Responsabilidades Domésticas constitui o fator 1, que integra praticamente os mesmos itens que o CRQ-PT e a versão original.

Por fim, o quarto componente é denominado de Rotinas de Disciplina (coerente com o fator 4 da versão original) e é constituído por seis itens, alusivos a regras, métodos de disciplina e tarefas familiares estruturadas. Todos os itens da versão original integram este último componente da versão portuguesa, porém, neste estudo, o item 12 (“tem regras em casa...”) também apresentou um valor de saturação relativamente elevado no componente Responsabilidades Domésticas. Apesar de ter apresentado uma saturação mais elevada nesse componente, decidiu-se fixá-lo no fator 4, visto que na versão original está incluído no fator com a mesma denominação. Um outro motivo passa pelo facto de o seu conteúdo teórico ser congruente com o componente Rotinas de Disciplina, já que os exemplos dados pelas autoras da versão original (Sytsma et al., 2001), tais como “Não cantar ou falar enquanto está a dormir” ou “Não correr em casa”, remetem para possíveis regras disciplinares estabelecidas pelos pais, como forma de regularem o comportamento das crianças em idade escolar. Na versão islandesa, as Rotinas de Disciplina correspondem igualmente o fator 4, que é constituído maioritariamente pelos mesmos itens do CRQ-PT e da versão original.

Relativamente à análise da consistência interna do CRQ-PT, o valor do alfa de Cronbach obtido para a escala total foi de .86, estando muito próximo do valor obtido pelas autoras da versão original ( $\alpha = .90$ ), o que, de acordo com Pereira e Patrício (2016), é indicativo de uma boa consistência interna. Quanto aos coeficientes de alfa de Cronbach para as quatro subescalas, estes oscilaram entre .71 e .79, apresentando assim valores ligeiramente inferiores aos da versão original (.79 a .83), mas são, também, reveladores de uma boa consistência interna. Comparativamente com a versão islandesa (CRQ-IS), que apresentou um valor de alfa de Cronbach de .83 para a escala total e valores entre .67 e .81 para os quatro fatores (Halldórsdóttir & Óskarsdóttir, 2009), o CRQ-PT, de um modo geral, evidenciou coeficientes de alfa de Cronbach um pouco mais elevados. É ainda de referir que, apesar de algumas das correlações item-total corrigidas apresentarem correlações inferiores a .30, no entanto, a sua eliminação desses itens não

conduzia a uma melhoria do valor de alfa de Cronbach. Deste modo, e por se tratar de um estudo exploratório, decidiu manter-se todos os itens do CRQ-PT. Estes resultados forneceram bons índices de fiabilidade, o que reforça as qualidades psicométricas do instrumento, sendo um importante contributo para a adaptação e validação do CRQ para a população portuguesa.

Em relação às intercorrelações entre as quatro subescalas do CRQ-PT, os resultados obtidos revelaram correlações positivas e estatisticamente significativas entre a maioria das subescalas, cujos valores de magnitude apontaram para correlações entre fracas a moderadas (Cohen, 1988). Destaca-se a existência de uma correlação moderada positiva entre a subescala Trabalhos de Casa e Interação Familiar e a subescala Rotinas da Vida Diária. Este dado poderá ser explicado pelo facto de as rotinas, que estão associadas à subescala Trabalhos de Casa e Interação Familiar, se realizarem durante o contexto da vida diária da família. Por exemplo, as rotinas dos trabalhos de casa são consideradas como uma atividade da vida quotidiana das crianças (Farrell & Danby, 2015). Já a subescala Responsabilidades Domésticas apresentou uma correlação fraca positiva sem alcançar o limiar de significância estatística com a subescala Rotinas da Vida Diária. Estes resultados são consistentes com os obtidos pelas autoras da versão islandesa (Halldórsdóttir & Óskarsdóttir, 2009), que também encontraram uma correlação fraca entre estas duas subescalas.

No Estudo 2, realizaram-se estudos de Análise Fatorial Confirmatória (AFC), com o objetivo de testar e confirmar a estrutura fatorial do CRQ-PT. Mais especificamente, pretendeu-se avaliar a qualidade de ajustamento do modelo teórico do CRQ-PT em relação à estrutura fatorial obtida no Estudo 1. Neste sentido, começou-se pela análise global do ajustamento do modelo, tendo-nos baseado, nas estatísticas e índices de qualidade de ajustamento descritos por Marôco (2010). Em primeiro lugar, recorreu-se ao teste do Qui-Quadrado ( $\chi^2$ ), um índice que analisa de modo absoluto a qualidade de ajustamento do modelo em estudo, sendo que também se considerou para análise, a razão entre o índice e os respetivos graus de liberdade (gl). Em segundo lugar, analisou-se o CFI, um índice que compara o ajustamento do modelo em estudo com o ajustamento do modelo de independência (ou basal). Em terceiro lugar, avaliou-se o RMSEA, que compara a discrepância entre o ajustamento do modelo que resultou dos dados da amostra em estudo e o ajustamento do modelo que seria obtido na população. Por último, analisou-se o PCFI, um índice que procura compensar a melhoria do modelo que se obteve, de forma a aproximar o modelo em estudo ao modelo de independência (ou basal).

Os resultados obtidos na análise ao modelo inicial indicaram que a maioria dos índices de qualidade de ajustamento global apresentava valores aceitáveis (e.g.,  $\chi^2$ /gl,

RMSEA e PCFI), com exceção do valor de CFI, que demonstrou um valor menos satisfatório (Marôco, 2010). De acordo com estes resultados, optou-se por proceder à reespecificação do modelo inicial, com o intuito de melhorar de forma significativa o ajustamento do modelo. Recorreu-se aos índices de modificação (IM), que indicaram que o parâmetro de covariância entre os erros de medida e39 e e38 apresentava o valor mais elevado dos IM, pelo que se adicionou uma nova correlação entre esses dois erros. A análise deste primeiro modelo revisto revelou uma ligeira melhoria do ajustamento global, mas, no entanto, não se mostrou suficiente para que o valor do CFI pudesse ser considerado como aceitável (Marôco, 2010). Face a este resultado, recorreu-se novamente aos valores IM, com base nos quais se inseriu uma nova correlação entre os resíduos dos itens 26 (e26) e 31 (e31). Esta decisão explicou-se pelo facto de os dois itens integrarem o mesmo fator na versão original do CRQ (Rotinas de Disciplina) (Sytsma et al., 2001), mesmo apesar de na versão portuguesa estarem associados a diferentes subescalas: o item 26 aos Trabalhos de Casa e Interação Familiar e o item 31 às Responsabilidades Domésticas. A análise a este modelo revisto 2 evidenciou, na generalidade, um ajustamento mais satisfatório, embora, mais uma vez, o índice de qualidade CFI continuasse distante do valor equivalente a um ajustamento bom. Por uma última vez, procedeu-se à análise dos valores de IM e adicionou-se uma nova correlação entre os erros de medida e25 e e27. Esta opção justifica-se pelo facto de o conteúdo teórico destes itens, que integram a subescala Rotinas de Disciplina, possuírem expressões similares e comparáveis entre si, tais como “é disciplinado/castigado” e “recebe pequenos castigos”. No final desta análise, os dados obtidos revelaram já um modelo mais adequado, com um valor de CFI mais próximo de um ajustamento bom. Ao longo das várias tentativas de melhoria significativa do ajustamento do modelo aos dados obtidos, o valor de CFI foi apresentando variações, mantendo, contudo, um valor inferior ao considerado como um bom ajustamento (.90), mesmo no modelo final. Isto pode ser justificado pelo facto de o valor de CFI ser inferior em modelos com um número elevado de variáveis em amostras reduzidas (Marôco, 2010). Este facto verificou-se no presente estudo, já que o modelo fatorial do CRQ-PT é constituído por 33 itens e a nossa amostra é composta por 142 participantes.

Relativamente à qualidade do ajustamento local, esta foi avaliada através dos pesos fatoriais e da fiabilidade individual dos itens ( $R^2$ ). Os dados obtidos demonstraram saturações significativas em todos os itens e valores de fiabilidade satisfatórios para a maioria dos itens. Na generalidade, os resultados obtidos indicaram que o modelo de 4 fatores apresenta um bom ajustamento, sendo suficientemente apropriado para explicar a estrutura fatorial das variáveis observadas na amostra em estudo.

John e Benet-Martínez (2000) indicam que o que é normalmente atribuído a formas diferenciadas de validade constituem facetas particulares da validade de construto, contribuindo para a sua confirmação. Assim, os autores apontam diferentes procedimentos que podem ser utilizados no estudo da validade de construto, nomeadamente a análise fatorial, a análise da consistência interna da escala e a correlação entre a medida em causa e medidas de outros construtos relevantes. De um modo geral, os dois primeiros procedimentos permitem reforçar, ainda que preliminarmente, a validade de construto do CRQ-PT. Em relação à análise das correlações com outras medidas válidas de constructos teoricamente relacionados, optou-se pela análise das correlações entre as subescalas do CRQ-PT e a subescala Hora de Jantar do FRQ, que avalia as rotinas familiares ao nível das horas das refeições. Os dados obtidos indicaram que as subescalas Rotinas da Vida Diária, Trabalhos de Casa e Interação Familiar e Rotinas de Disciplina apresentam correlações positivas, fracas a moderadas (Cohen, 1988) e estatisticamente significativas com a subescala Hora de Jantar do FRQ. Estes resultados poderão ser explicados pelo facto de, por exemplo, nas subescalas Rotinas da Vida Diária e Rotinas de Disciplina estarem incluídos itens referentes às refeições, nomeadamente o item 6 (“come as refeições com à mesa com a família”), o item 16 (“janta mais ou menos à mesma hora”) e o item 12 (“tem regras (..) não falar ou cantar enquanto está a comer”), com maior sobreposição de conteúdo com os cinco itens da subescala Hora de Jantar do FRQ. Por outro lado, a relação entre a subescala Trabalhos de Casa e Interação Familiar e a subescala Hora de Jantar do FRQ poderá ser justificada pelo facto de a hora jantar ser considerada um momento de interação familiar, que promove a comunicação e a partilha de informações e que possibilita aos vários membros da família demonstrarem preocupação pela vida diária uns dos outros, aumentando assim o envolvimento interpessoal (Fiese et al., 2006). Verificou-se ainda que a subescala Responsabilidades Domésticas não apresenta uma correlação estatisticamente significativa com a subescala Hora de Jantar do FRQ. Este resultado poderá estar relacionado com o conteúdo de ambas as subescalas, na medida em que os itens referentes às Responsabilidades Domésticas refletem atividades da vida quotidiana que, geralmente, não têm um carácter simbólico, enquanto os itens relativos à Hora de Jantar estão associados a uma componente emocional e a um significado simbólico (Yoon et al., 2015), como por exemplo o item 4 “...a hora de jantar é mais que uma simples refeição (...) tem um significado especial”.

Por fim, como indicador de validade de critério da escala, e seguindo as orientações de DeVellis (2016), recorreu-se à análise das correlações entre as subescalas do CRQ-PT e da PSOC, que avalia a competência parental percebida (Johnston & Mash, 1989). E, os resultados obtidos vão ao encontro do previsto, evidenciando correlações

positivas e significativas entre as duas variáveis: rotinas da criança e sentido de competência parental. Em particular, as subescalas Rotinas da Vida Diária e Trabalhos de Casa e Interação Familiar apresentam correlações moderadas (Cohen, 1988) e estatisticamente significativas com a subescala Satisfação, que se refere ao grau de satisfação associado à parentalidade (e.g., frustração, ansiedade e motivação) (Johnston & Mash, 1989). Por sua vez, as subescalas Trabalhos de casa e Interação Familiar, Responsabilidades Domésticas e Rotinas de Disciplina demonstram correlações fracas a moderadas (Cohen, 1988) e estatisticamente significativas com a subescala Eficácia, que avalia o grau em que os pais se sentem competentes (Johnston & Mash, 1989). De um modo geral, os dados obtidos revelam que quanto mais práticas de rotinas das crianças, maior é sentido de competência parental dos pais e vice-versa. Os resultados estão de acordo com os obtidos por Sprunger e colaboradores (1985), que verificaram que as mães de crianças pequenas percecionavam um maior nível de satisfação parental e sentiam-se mais competentes quando existiam rotinas regulares no contexto familiar. Outros estudos também demonstraram que a prática frequente de rotinas, em contexto familiar, permite aos pais regular o comportamento das crianças, o que proporciona um aumento dos níveis de competência parental (Migliorini et al., 2015, 2016). Contrariamente, observou-se que as subescalas Responsabilidades Domésticas e Rotinas de Disciplina não apresentam correlações estatisticamente significativas com a subescala Satisfação. Estes resultados poderão ser explicados pelo facto de as crianças que participaram no estudo não cumprirem este tipo de rotinas, o que pode aumentar os níveis de ansiedade ou frustração dos pais, o que conseqüentemente pode levar a um menor nível de satisfação parental. Também se verificou que a subescala Rotinas da Vida Diária não apresentou uma correlação estatisticamente significativa com a subescala Eficácia. Este resultado poderá ser explicado pelo facto de as rotinas associadas à Subescala Rotinas da Vida Diária incluírem, por exemplo, a rotina da manhã e a rotina da hora de dormir. Pode-se assumir que são dois momentos do dia em que as crianças podem demonstrar mais resistência em cumprir as rotinas, ou porque querem dormir mais um pouco, ou então, quando chega a hora de ir para a cama, preferem continuar a brincar ou a ver televisão (Coelho & Anastácio, 2013). Esta resistência por parte das crianças pode influenciar a percepção dos pais acerca das suas capacidades em fazer com que as crianças cumpram as rotinas, o que, por sua vez, pode levar a menores níveis de eficácia parental.

Através dos estudos de precisão e de evidência de validade da versão portuguesa do CRQ, podemos concluir que: (1) tanto a escala total do CRQ-PT como as subescalas apresentam uma boa consistência interna; (2) as subescalas do CRQ-PT estão maioritariamente correlacionadas entre si e (3) de um modo geral, o CRQ-PT está

As rotinas da criança em idade escolar: Um estudo de adaptação e validação da versão portuguesa do *Child Routines Questionnaire*

correlacionado com as medidas que avaliam o sentido de competência parental e as rotinas da hora de jantar. Em suma, o modelo de medida da versão portuguesa do CRQ-PT apresenta fiabilidade e validade para poder ser utilizado na avaliação das rotinas das crianças portuguesas em idade escolar.

## Capítulo 5. Considerações finais

### 5.1 Contributos, limitações e investigações futuras

A presente investigação constitui um importante contributo para avaliação das rotinas das crianças em idade escolar, uma vez que se desenvolveu um estudo exploratório e confirmatório de adaptação e validação do *Child Routines Questionnaire* (CRQ; Sytsma et al., 2001), para a população portuguesa. Os resultados obtidos forneceram suporte às qualidades psicométricas do CRQ-PT, o que nos leva a considerá-lo como um instrumento válido de avaliação das rotinas das crianças portuguesas em idade escolar e que fica agora disponível para poder ser utilizado na prática clínica, mas também na investigação realizada com crianças em idade escolar. Além disto, e tendo-se verificado uma maior incidência de estudos direcionados para as rotinas das crianças em idade pré-escolar, este estudo contribui para o estudo das rotinas das crianças em idade escolar, nomeadamente, na realidade portuguesa. Também em relação à escassez de estudos que analisem a relação entre o sentido de competência parental e as rotinas das crianças em idade escolar, esta investigação forneceu, igualmente, contributos científicos para esta temática.

Apesar dos seus contributos, a presente investigação apresenta algumas limitações. Em primeiro lugar, as amostras de ambos os estudos são relativamente reduzidas, o que pode justificar alguns dos resultados obtidos nas análises estatísticas realizadas, nomeadamente na Análise Fatorial Exploratória e Confirmatória. Uma outra limitação está relacionada com o facto de, em ambos os estudos (Estudo 1 e 2), os respondentes terem sido maioritariamente as mães das crianças. No entanto, tendo por base estudos anteriores (e.g., Henderson et al., 2011; Stoppelbein et al., 2016), pode concluir-se que é uma situação comum e transversal a diferentes países. Também o facto de a amostra ter sido recolhida de forma não probabilística e por conveniência coloca em causa a questão da sua representatividade e generalização dos resultados para a população em geral.

Neste sentido, recomenda-se que em investigações futuras sejam utilizadas amostras com uma maior dimensão, e que se possa garantir, na recolha de dados, uma maior participação dos pais (homens). Seria importante recolher dados junto de ambas as figuras parentais de forma a avaliar o grau de concordância entre ambos, uma vez que são os informadores de referência relativamente às rotinas das crianças. Sugere-se também o desenvolvimento de novos estudos de evidência de precisão (e.g., estudos de estabilidade temporal e acordo entre informadores) e de validade, de forma a reforçar as propriedades psicométricas do CRQ-PT. O facto de alguns itens terem demonstrado

alguma fragilidade na AFC, especificamente na avaliação do ajustamento local, seria pertinente a realização de estudos futuros que possam ajudar a esclarecer a sua adequabilidade na avaliação dos construtos medidos pelo CRQ-PT e as suas respetivas subescalas. Neste seguimento, seria também desejável a realização de estudos com a inclusão de outras variáveis, como por exemplo as competências autorregulatórias, o ajustamento socioemocional, os problemas de comportamento e o desempenho académico, que segundo as evidências científicas, constituem-se como variáveis influenciadas pela presença de rotinas regulares e consistentes na vida diária das crianças em idade escolar. Estes estudos permitiriam obter mais informação acerca da validade de construto do CRQ-PT. E, por fim, sugere-se o desenvolvimento de estudos futuros, com o objetivo de clarificar a relação entre as rotinas das crianças em idade escolar a perceção de sentido de competência parental (e.g., estudos longitudinais).

Por fim, tendo em consideração o atual contexto pandémico que vivemos e todas as mudanças que ocorreram na vida diária das famílias (e.g., confinamento, teletrabalho, ensino à distância), torna-se igualmente pertinente o desenvolvimento de estudos que avaliem o impacto da pandemia COVID-19 nas rotinas das famílias com crianças em idade escolar.

## Referências bibliográficas

- Almeida, I. C. de, Carvalho, L., Ferreira, V., Grande, C., Lopes, S., Pinto, A. I., Portugal, G., Santos, P., & Serrano, A. M. (2011). Práticas de intervenção precoce baseadas nas rotinas: Um projecto de formação e investigação. *Análise Psicológica*, 29(1), 83-98. <https://doi.org/10.14417/ap.41>
- Alves, M., Major, S., & Cunha, A. (2016). Questionário de Rotinas da Criança. (Tradução e adaptação). Documento não publicado.
- Azevedo, T. M. L. (2018). "Os Arquitetos da Família": *Rituais Familiares, Coesão Familiar e Satisfação Conjugal em Casais Portugueses*. [Master's thesis, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/37110>
- Bater, L. R., & Jordan, S. S. (2017). Child routines and self-regulation serially mediate parenting practices and externalizing problems in preschool children. *Child & Youth Care Forum*, 46, 243-259. <https://doi.org/10.1007/s10566-016-9377-7>
- Berge, J. M., Jin, S. W., Hannan, P., & Neumark-Sztainer, D. (2013). Structural and interpersonal characteristics of family meals: Associations with adolescent body mass index and dietary patterns. *Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics*, 113(6), 816-822. <https://doi.org/10.1016/j.jand.2013.02.004>
- Boyce, W. T., Jensen, E. W., James, S. A., & Peacock, J. L. (1983). The family routines inventory: Theoretical origins. *Social Science and Medicine*, 17(4), 193-200. [https://doi.org/10.1016/0277-9536\(83\)90116-8](https://doi.org/10.1016/0277-9536(83)90116-8)
- Bridley, A., & Jordan, S. S. (2012). Child routines moderate daily hassles and children's psychological adjustment. *Children's Health Care*, 41(2), 129-144. <https://doi.org/10.1080/02739615.2012.657040>
- Brody, G. H., & Flor, D. L. (1997). Maternal psychological functioning, family processes, and child adjustment in rural, single-parent, African American families. *Developmental Psychology*, 33(6), 1000-1011. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.33.6.1000>
- Brown, T. A. (2006). Confirmatory factor analysis for applied research. In D. A. Kenny (Ed.), *Methodology in the social sciences*. The Guilford Press. <https://doi.org/10.5860/choice.44-2769>
- Cabana, D. G. (2017). *Atividade física e sua relação com as rotinas da criança em idade escolar* [Master's thesis, Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da UBI. <http://hdl.handle.net/10400.6/9395>
- Cabrera, N. J., Shannon, J. D., & Tamis-LeMonda, C. (2007). Fathers' influence on their children's cognitive and emotional development: From toddlers to pre-K. *Applied Developmental Science*, 11(4), 208-213. <https://doi.org/10.1080/10888690701762100>
- Coelho, S., & Anastácio, Z. (2013). *Sono, saúde e aprendizagem em crianças do 10 ciclo do ensino básico* [Dissertação de mestrado, Universidade do Minho]. Repositório UM. <http://hdl.handle.net/1822/27772>
- Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (2000). Parenting self-efficacy among mothers of school-age children: Conceptualization, measurement, and correlates. *Family*

*Relations*, 49(1), 13-24. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2000.00013.x>

- Coroado, M. R. de M. (2017). *Rotinas da criança, rotinas familiares e saúde física da criança em idade pré-escolar: Um estudo exploratório* [Master's thesis, Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da UBI. <http://hdl.handle.net/10400.6/7987>
- Costa, C. S. (2018). *Padrões de sono, hábitos e comportamentos alimentares de crianças e adolescentes com pré-obesidade e obesidade e suas mães* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/117523/2/302885.pdf>
- Costello, A. B., & Osborne, J. W. (2005). Best practices in exploratory factor analysis: Four recommendations for getting the most from your analysis. *Practical Assessment, Research and Evaluation*, 10(7), 1-9. <https://doi.org/10.7275/jyj1-4868>
- Coutinho, J. P. (2019). Religiosidade em Portugal: Caracterização, comparação e evolução. *Religião & Sociedade*, 39(3), 58-81. 10.1590/0100-85872019v39n3cap03
- Crespo, C. & Lind, W. R. (2004). Questionário dos Rituais Familiares. (Tradução e adaptação). Documento não publicado.
- Cunha, A. I., Major, S., Alves, M. P., & Coroado, M. (2021). Assessing preschool child routines in the family: A preliminary study of the Portuguese version of the Child Routines Questionnaire - Preschool. *Journal of Research in Childhood Education*. <https://doi.org/10.1080/02568543.2021.1955053>
- David, K. B., LeBlanc, M. M., & Self-Brown, S. (2015). Violence exposure in young children: Child-oriented routines as a protective factor for school readiness. *Journal of Family Violence*, 30(3), 303-314. <https://doi.org/10.1007/s10896-015-9676-z>
- DeVellis, R. F. (2016). *Scale development: Theory and applications*. Sage publications.
- Dickstein, S. (2002). Family routines and rituals - the importance of family functioning: Comment on the special section. *Journal of Family Psychology*, 16(4), 441-444. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.16.4.441>
- Evans, D. W., Leckman, J. F., Carter, A., Reznick, J. S., Henshaw, D., King, R. A., & Pauls, D. (1997). Ritual, habit, and perfectionism: The prevalence and development of compulsive-like behavior in normal young children. *Child Development*, 68(1), 58-68. <https://doi.org/10.2307/1131925>
- Evans, J., & Rodger, S. (2008). Mealtimes and bedtimes: Windows to family routines and rituals. *Journal of Occupational Science*, 15(2), 98-104. <https://doi.org/10.1080/14427591.2008.9686615>
- Evans, M. A., & Shaw, D. (2008). Home grown for reading: Parental contributions to young children's emergent literacy and word recognition. *Canadian Psychology*, 49(2), 89-95. <https://doi.org/10.1037/0708-5591.49.2.89>
- Eyberg, S. M., & Ross, A. W. (1978). Assessment of child behavior problems: The validation of a new inventory. *Journal of Clinical Child Psychology*, 7(2), 113-116. <https://doi.org/10.1080/15374417809532835>
- Farrell, A., & Danby, S. (2015). How does homework 'work' for young children?

- Children's accounts of homework in their everyday lives. *British Journal of Sociology of Education*, 36(2), 250–269. <https://doi.org/10.1080/01425692.2013.814532>
- Fernandes, I. M. dos S. J. (2015). *Será o género dos filhos ou dos pais? Estudo sobre o efeito de género das crianças e dos pais na qualidade da interação, comunicação e atividade conjunta* [Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Lisboa]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.21/5388>
- Ferretti, L. K., & Bub, K. L. (2017). Family routines and school readiness during the transition to kindergarten. *Early Education and Development*, 28(1), 1-19. <https://doi.org/10.1080/10409289.2016.1195671>
- Fiese, B. H. (1992). Dimensions of family rituals across two generations: Relation to adolescent identity. *Family Process*, 31(2), 151-162. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1992.00151.x>
- Fiese, B. H. (2007). Routines and rituals: Opportunities for participation in family health. *OTJR Occupation, Participation and Health*, 27(Supplement), 41-49. <https://doi.org/10.1177/15394492070270s106>
- Fiese, B. H., Foley, K. P., & Spagnola, M. (2006). Routine and ritual elements in family mealtimes: Contexts for child well-being and family identity. In R. W. Larson, A. R. Wiley, & K. R. Branscomb (Eds.), *Family mealtime as a context of development and socialization* (pp. 67-89). Wiley. <https://doi.org/10.1002/cad.155>
- Fiese, B. H., & Kline, C. A. (1993). Development of the family ritual questionnaire: Initial reliability and validation studies. *Journal of Family Psychology*, 6(3), 290-299. <https://doi.org/10.1037//0893-3200.6.3.290>
- Fiese, B. H., Tomcho, T. J., Douglas, M., Josephs, K., Poltrock, S., & Baker, T. (2002). A review of 50 years of research on naturally occurring family routines and rituals: Cause for celebration? *Journal of Family Psychology*, 16(4), 381-390. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.16.4.381>
- Fiese, B. H., & Wamboldt, F. S. (2000). Family routines, rituals, and asthma management: A proposal for family-based strategies to increase treatment adherence. *Families, Systems & Health*, 18(4), 405-418. <https://doi.org/10.1037/h0091864>
- Fulgini, A. S., Howes, C., Huang, Y., Hong, S. S., & Lara-Cinisomo, S. (2012). Activity settings and daily routines in preschool classrooms: Diverse experiences in early learning settings for low-income children. *Early Childhood Research Quarterly*, 27(2), 198-209. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2011.10.001>
- Goede, C. de, & Greeff, A. (2016). Challenges couples face in managing family routines after the transition to parenthood. *Social Work (South Africa)*, 52(3), 313-331. <https://doi.org/10.15270/52-2-512>
- Greening, L., Stoppelbein, L., Konishi, C., Jordan, S. S., & Moll, G. (2007). Child routines and youths' adherence to treatment for type 1 diabetes. *Journal of Pediatric Psychology*, 32(4), 437-447. <https://doi.org/10.1093/jpepsy/jsl029>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2014). *Multivariate Data Analysis* (7th ed.). Pearson Education Limited.
- Halldórsdóttir, B. K., & Óskarsdóttir, H. (2009). *Psychometric properties of the Icelandic version of the Child Routine Questionnaire* [Master's thesis, University of

- Island]. Skemman. <http://hdl.handle.net/1946/2857>
- Henderson, J. A., Barry, T. D., Bader, S. H., & Jordan, S. S. (2009). *The relation among sleep, routines, and externalizing behavior in children with an autism spectrum disorder* [Doctoral dissertation, University of Southern Mississippi]. The Aquila Digital Community. <https://aquila.usm.edu/dissertations/1059>
- Henderson, J. A., Barry, T. D., Bader, S. H., & Jordan, S. S. (2011). The relation among sleep, routines, and externalizing behavior in children with an autism spectrum disorder. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 5(2), 758-767. <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2010.09.003>
- Heumann, S., & Cavalcante, L. I. C. (2018). Rotinas de crianças e adolescentes em acolhimento institucional: Estudo descritivo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 70(2), 22-37. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1809-52672018000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672018000200003&lng=pt&nrm=iso)
- Ho, H. C. Y., Mui, M., Wan, A., Yew, C., Lam, T. H., Chan, S. S., & Stewart, S. M. (2018). Family meal practices and well-being in hong kong: The mediating effect of family communication. *Journal of Family Issues*, 39(16), 1-22. <https://doi.org/10.1177/0192513X18800787>
- Hodge, C., Bocarro, J. N., Henderson, K. A., Zabriskie, R., Parcel, T. L., & Kanters, M. A. (2015). Family leisure: An integrative review of research from select journals. *Journal of Leisure Research*, 47(5), 577-600. <https://doi.org/10.18666/jlr-2015-v47-i5-5705>
- Homer, M. M., Freeman, P. A., Zabriskie, R. B., & Eggett, D. L. (2007). Rituals and relationships: Examining the relationship between family of origin rituals and young adult attachment. *Marriage and Family Review*, 42(1), 5-28. [https://doi.org/10.1300/J002v42n01\\_02](https://doi.org/10.1300/J002v42n01_02)
- Howe, G. W. (2002). Integrating family routines and rituals with other family research paradigms: Comment on the special section. *Journal of Family Psychology*, 16(4), 437-440. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.16.4.437>
- Izenstark, D., & Ebata, A. T. (2016). Theorizing family-based nature activities and family functioning: The integration of attention restoration theory with a family routines and rituals perspective. *Journal of Family Theory and Review*, 8(2), 137-153. <https://doi.org/10.1111/jftr.12138>
- Jensen, E. W., James, S. A., Boyce, W. T., & Hartnett, S. A. (1983). The family routines inventory: Development and validation. *Social Science & Medicine*, 17(4), 201-211. [https://doi.org/10.1016/0277-9536\(83\)90117-X](https://doi.org/10.1016/0277-9536(83)90117-X)
- John, O. P. & Benet-Martínez, V. (2000). Measurement: Reliability, construct validation and scale construction. In H. T. Reis & C. M. Judd (Eds.), *Handbook of research methods in social and personality psychology* (pp.223-252). Cambridge University Press.
- Johnston, C., & Mash, E. J. (1989). A measure of parenting satisfaction and efficacy. *Journal of Clinical Child Psychology*, 18(2), 167-175. <https://doi.org/10.1207/s15374424jccp1802>
- Jones, B. L., Hill, E. J., & Miller, R. B. (2018). Family routines and family satisfaction in Singapore: work-family fit as a moderator. *Asia Pacific Journal of Human Resources*, 58(1), 1-22. <https://doi.org/10.1111/1744-7941.12215>

- Jones, T. L., & Prinz, R. J. (2005). Potential roles of parental self-efficacy in parent and child adjustment: A review. *Clinical Psychology Review, 25*(3), 341-363. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2004.12.004>
- Jordan, S. S. (2003). *Further validation of the Child Routines Inventory (CRI): Relationship to parenting practices, maternal distress and child externalizing behavior* [Doctoral dissertation, Louisiana State University]. LSU Digital Commons. [https://digitalcommons.lsu.edu/gradschool\\_dissertations/3308](https://digitalcommons.lsu.edu/gradschool_dissertations/3308)
- Kashinath, S., & Yu, B. (2018). Embedding intervention strategies within everyday family routines. In C. Springer (Ed.), *Handbook of parent-implemented interventions for very young children with autism*. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-90994-3\\_13](https://doi.org/10.1007/978-3-319-90994-3_13)
- Keltner, B., Keltner, N. L., & Farren, E. (1990). Family routines and conduct disorders in adolescent girls. *Western Journal of Nursing Research, 12*(2), 161-174. <https://doi.org/10.1177/019394599001200203>
- Kitsaras, G., Goodwin, M., Allan, J., Kelly, M. P., & Pretty, I. A. (2018). Bedtime routines child wellbeing & development. *BMC Public Health, 18*, 1-12. <https://doi.org/10.1186/s12889-018-5290-3>
- Kowalski, K. C., Crocker, P. R. E., & Faulkner, R. A. (1997). Validation of the Physical Activity Questionnaire for Older Children. *Pediatric Exercise Science, 9*(2), 174-186. <https://doi.org/10.1123/pes.9.2.174>
- Lanza, H. I., & Drabick, D. A. G. (2011). Family routine moderates the relation between child impulsivity and oppositional defiant disorder symptoms. *Journal of Abnormal Child Psychology, 39*(1), 83-94. <https://doi.org/10.1007/s10802-010-9447-5>
- Larsen, K. L., & Jordan, S. S. (2020). Organized chaos: Daily routines link household chaos and child behavior problems. *Journal of Child and Family Studies, 29*, 1094-1107. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01645-9>
- Leyva, D., & Skorb, L. (2017). Food for thought: Family food routines and literacy in Latino kindergarteners. *Journal of Applied Developmental Psychology, 52*, 80-90. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2017.07.001>
- Lind, W. R. (2008). *Casais biculturais e monoculturais : Diferenças e recursos* [Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/977>
- Linhares, M. B. M., & Martins, C. B. S. (2015). O processo da autorregulação no desenvolvimento de crianças. *Estudos de Psicologia, 32*(2), 281-293. <https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000200012>
- Malatras, J. W., Israel, A. C., Sokolowski, K. L., & Ryan, J. (2016). First things first: Family activities and routines, time management and attention. *Journal of Applied Developmental Psychology, 47*, 23-29. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2016.09.006>
- Manczak, E. M., Williams, D., & Chen, E. (2017). The role of family routines in the intergenerational transmission of depressive symptoms between parents and their adolescent children. *Journal of Abnormal Child Psychology, 45*(4), 643-656. <https://doi.org/10.1007/s10802-016-0187-z>
- Marôco, J. (2010). *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos teóricos, Software & aplicações*. ReportNumber.
- Marques, I. F. A. (2019). *As rotinas da criança em idade escolar : Relação com o sentido*

- de competência parental* [Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior]. Repositório Digital da UBI. <http://hdl.handle.net/10400.6/10189>
- McCloy, L., White, S., Bunting, K. L., & Forwell, S. (2016). Photo-elicitation interviewing to capture children's perspectives on family routines. *Journal of Occupational Science*, 23(1), 82-95. <https://doi.org/10.1080/14427591.2014.986666>
- McRae, E. M., Stoppelbein, L., O'Kelley, S. E., Fite, P., & Greening, L. (2019). Predicting child behavior: A comparative analysis between autism spectrum disorder and attention deficit/hyperactivity disorder. *Journal of Child and Family Studies*, 28(3), 668-683. <https://doi.org/10.1007/s10826-018-1299-6>
- McRae, E., Stoppelbein, L., O'Kelley, S., Fite, P., & Smith, S. (2020). Comorbid internalizing and externalizing symptoms among children with ADHD: The influence of parental distress, parenting practices, and child routines. *Child Psychiatry and Human Development*, 51(5), 813-826. <https://doi.org/10.1007/s10578-020-01019-z>
- Meyer, K. (2008). *Development and Initial validation of the adolescent routines questionnaire: Parent and self-Report* [Doctoral dissertation, Louisiana State University]. LSU Digital Commons. [https://digitalcommons.lsu.edu/gradschool\\_dissertations/4052](https://digitalcommons.lsu.edu/gradschool_dissertations/4052)
- Migliorini, L., Cardinali, P., & Rania, N. (2011). La cotidianidad de lo familiar y las habilidades de los niños. *Psicoperspectivas*, 10(2), 183-201. <https://doi.org/10.5027/psicoperspectivas-Vol10-Issue2-fulltext-165>
- Migliorini, L., Rania, N., & Cardinali, P. (2015). La funzione scaffolding di routine e rituali familiari durante l'età prescolare dei figli. *Psicologia Clinica Dello Sviluppo*, 19(1), 155-164. <https://doi.org/10.1449/79744>
- Migliorini, L., Rania, N., Tassara, T., & Cardinali, P. (2016). Family routine behaviors and meaningful rituals: A comparison between Italian and migrant couples. *Social Behavior and Personality*, 44(1), 9-18. <https://doi.org/10.2224/sbp.2016.44.1.9>
- Miller, A. L., Song, J. H., Sturza, J., Lumeng, J. C., Rosenblum, K., Kaciroti, N., & Vazquez, D. M. (2016). Child cortisol moderates the association between family routines and emotion regulation in low-income children. *Developmental Psychobiology*, 59(1), 99-110. <https://doi.org/10.1002/dev.21471>
- Mindell, J. A., & Williamson, A. A. (2018). Benefits of a bedtime routine in young children: Sleep, development, and beyond. *Sleep Medicine Reviews*, 40, 93-108. <https://doi.org/10.1016/j.smr.2017.10.007>
- Mourinha, A. L. C. (2020). *Investigação na Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-escolar* [Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Santarém]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Santarém. <http://hdl.handle.net/10400.15/2817>
- Muñiz, E. I., Silver, E. J., & Stein, R. E. K. (2014). Family routines and social-emotional school readiness among preschool-age children. *Journal of Developmental and Behavioral Pediatrics*, 35(2), 93-99. <https://doi.org/10.1097/DBP.000000000000021>
- Nymoan, K. (2014). *The effects of parent training on child routines* [Master's thesis, University of Island]. Skemman. <http://hdl.handle.net/1946/17644>
- Ohan, J. L., Leung, D. W., & Johnston, C. (2000). The parenting sense of competence scale: Evidence of a stable factor structure and validity. *Canadian Journal of*

- Behavioural Science*, 32(4), 251-261. <https://doi.org/10.1037/h0087122>
- Osborne, J. W. (2014). *Best practices in exploratory factor analysis* (1st ed.). CreateSpace Independent Publishing Platform. <https://doi.org/10.4135/9781412995627.d8>
- Pennick, M. R. (2013). *Understanding the relation between routines and problem behaviors in children with clinical diagnoses* [Doctoral dissertation, University of Alabama at Birmingham]. ProQuest. <https://search.proquest.com/openview/oa045bfacfd5dc4b116dd68813a2eoff/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y>
- Pereira, A. M. F. (2014). *O Contributo das Rotinas Diárias para o Desenvolvimento da Autonomia das Crianças* [Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Portalegre]. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/6133>
- Pereira, A., & Patrício, T. (2016). *SPSS: Guia prático de utilização: Análise de dados para Ciência Sociais e Psicologia* (8th ed.). Edições Sílabo.
- Phillips, T. M., Wilmoth, J. D., Wheeler, B. E., & Turner, J. J. (2018). Observance of regular family routines by family structure. *Journal of Family & Consumer Sciences*, 110(4), 22-26. <https://doi.org/10.14307/jfcs110.4.22>
- Pordata (2020). *Retrato de Portugal na Europa*. Base de Dados de Portugal Contemporâneo. <https://www.pordata.pt/Retratos/2020/Retrato+de+Portugal+na+Europa-87Prine>, A. (2012). *Evaluating child routines as a mediator of marital conflict and child adjustment* [Doctoral dissertation, University of Southern Mississippi]. Retrieved from [https://aquila.usm.edu/honors\\_theses/54](https://aquila.usm.edu/honors_theses/54)
- Rania, N., Migliorini, L., & Reborá, S. (2018). Parental competence in Italy: A comparison between Italian and immigrant parents. *Marriage and Family Review*, 54(1), 1-14. <https://doi.org/10.1080/01494929.2016.1247760>
- Ren, L., & Fan, J. (2019). Chinese preschoolers' daily routine and its associations with parent-child relationships and child self-regulation. *International Journal of Behavioral Development*, 43(2), 179-184. <https://doi.org/10.1177/0165025418811126>
- Ren, L., & Xu, W. (2019). Coparenting and Chinese preschoolers' social-emotional development: Child routines as a mediator. *Children and Youth Services Review*, 107, 1-36. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2019.104549>
- Roche, K. M., & Ghazarian, S. R. (2012). The value of family routines for the academic success of vulnerable adolescents. *Journal of Family Issues*, 33(7), 874-897. <https://doi.org/10.1177/0192513X11428569>
- Rogers, H., & Matthews, J. (2004). The parenting sense of competence scale: Investigation of the factor structure, reliability, and validity for an Australian sample. *Australian Psychologist*, 39(1), 88-96. <https://doi.org/10.1080/00050060410001660380>
- Rolfen, A. B., & Martinez, C. M. S. (2008). Programa de intervenção para pais de crianças com dificuldades de aprendizagem: Um estudo preliminar. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18(39), 175-188. <https://doi.org/10.1590/s0103-863x2008000100016>
- Russo, C. J. (2015). Religious freedom in education: A fundamental human right. *Religion and Education*, 42(1), 17-33.

<https://doi.org/10.1080/15507394.2014.945885>

- Schuette, C., & Killen, M. (2009). Children's evaluations of gender-stereotypic household activities in the family context. *Early Education and Development, 20*(4), 693–712. <https://doi.org/10.1080/10409280802206908>
- Seabra-Santos, M. J. & Pimentel, M. (2007) Escala de Sentido de Competência Parental. (Tradução e adaptação). Documento não publicado.
- Seabra-Santos, M. J., Major, S., Pimentel, M., Gaspar, M. F., Antunes, N., & Roque, V. (2015). Escala de sentido de competência parental (PSOC): Estudos psicométricos. *Avaliação Psicológica, 14*(1), 97-106. <https://doi.org/10.15689/ap.2015.1401.11>
- Seiberlich, S. L. (2016). *The Effects that Consistent Routines have on Transitions* [Master's thesis, Saint Catherine University]. Sophia. <https://sophia.stkate.edu/maed/142>
- Shrestha, N. (2021). Factor analysis as a tool for survey analysis. *American Journal of Applied Mathematics and Statistics, 9*(1), 4-11. <https://doi.org/10.12691/ajams-9-1-2>
- Silva, N. C. B. da, Nunes, C. C., Betti, M. C. M., & Rios, K. de S. A. (2008). Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. *Temas Em Psicologia, 16*(2), 215–229. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2008000200006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200006)
- Silva, F. H. O. B., & Cavalcante, L. I. C. (2015). Rotinas familiares de crianças com necessidades especiais em família adotiva. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 31*(2), 173-180. <https://doi.org/10.1590/0102-37722015021920173180>
- Silva, S. S. da C., Pontes, F. A. R., Santos, T. M. dos, Maluschke, J. B., Mendes, L. S. A., Reis, D. C. dos, & Silva, S. D. B. da. (2010). Rotinas familiares de ribeirinhos amazônicos: Uma possibilidade de investigação. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 26*(2), 341-349. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200016>
- Spagnola, M., & Fiese, B. H. (2007). Family routines and rituals: A context for development in the lives of young children. *Infants & Young Children, 20*(4), 284-299. <https://doi.org/10.1097/01.IYC.0000290352.32170.5a>
- Sprunger, L. W., Boyce, W. T., & Gaines, J. A. (1985). Family-infant congruence: Routines and rhythmicity in family adaptations to a young infant. *Child Development, 56*(3), 564-572. <https://doi.org/10.2307/1129746>
- Stabler, C. B. (2012). *Further validation of the Child Routines Questionnaire: Child self report* [Doctoral dissertation, University of Southern Mississippi]. The Aquila Digital Community. <https://aquila.usm.edu/dissertations/591>
- Stoppelbein, L., Biasini, F., Pennick, M., & Greening, L. (2016). Predicting internalizing and externalizing symptoms among children diagnosed with an autism spectrum disorder: The role of routines. *Journal of Child and Family Studies, 25*(1), 251-261. <https://doi.org/10.1007/s10826-015-0218-3>
- Stoppelbein, L., McRae, E., Smith, S., Becker, S., Fite, P., Luebbe, A., & Greening, L. (2019). Sluggish cognitive tempo and behavioral difficulties in children with ADHD: Associations with internalizing and externalizing symptoms. *Child Psychiatry and*

*Human Development*, 51(4), 609-616. <https://doi.org/10.1007/s10578-019-00943-z>

Sytsma, S. E., Kelley, M. L., & Wymer, J. H. (2001). Development and initial validation of the child routines inventory. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 23(4), 241-251. <https://doi.org/10.1023/A:1012727419873>

Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2013). *Using Multivariate Statistics* (6th ed.). Pearson.

Taraban, L., & Shaw, D. S. (2018). Parenting in context: Revisiting Belsky's classic process of parenting model in early childhood. *Developmental Review*, 48, 55-81. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2018.03.006>

Taylor, C. L. (2011). *Scaffolding the development of early self-regulation: The role of structure and routine in children's daily activities* [Master's thesis, Portland State University]. PDXScholar. <https://doi.org/10.15760/etd.287%0AThis>

Urcuioli, P. J. (2005). Behavioral and associative effects of differential outcomes in discrimination learning. *Learning and Behavior*, 33(1), 1-21. <https://doi.org/10.3758/bf03196047>

Weisner, T. S. (2002). Ecocultural understanding of children's developmental pathways. *Human Development*, 45(4), 275-281. <https://doi.org/10.1159/000064989>

Wittig, M. M. (2005). Development and validation of Child Routines Questionnaire: Preschool [Doctoral dissertation, Louisiana State University]. LSU Digital Commons. [https://digitalcommons.lsu.edu/gradschool\\_dissertations/1152](https://digitalcommons.lsu.edu/gradschool_dissertations/1152)

Wolin, S. J., & Bennett, L. A. (1984). Family rituals. *Family Process*, 23(3), 401-420. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1984.00401.x>

Yoon, Y., Newkirk, K., & Perry-Jenkins, M. (2015). Parenting stress, dinnertime rituals, and child well-being in working-class families. *Family Relations*, 64(1), 93-107. <https://doi.org/10.1111/fare.12107>

## **Anexos**

**Anexo A**  
**Tabela síntese: Estudos internacionais que  
utilizaram o CRQ**

Autores	Amostra	Objetivo	Principais resultados
Jordan (2003)	N= 153	- Avaliar as propriedades psicométricas do CRQ para determinar os possíveis fatores que promovem e perturbam as rotinas das crianças - Examinar o potencial papel moderador das rotinas infantis na relação entre a angústia materna e o comportamento externalizado em crianças	- Evidências de precisão e validade do CRQ - As práticas parentais foram responsáveis por uma maior variação no número de rotinas infantis do que a angústia materna: - Práticas parentais positivas promovem as rotinas infantis - Práticas parentais negativas perturbam as rotinas das crianças - Níveis mais baixos de rotinas infantis foram significativamente associados a problemas de comportamento externalizado, contudo as rotinas das crianças não moderaram o impacto da angústia materna sobre os problemas de comportamento externalizado
Greening et al. (2007)	N=111	Verificar se as rotinas infantis estão relacionadas a uma melhor adesão ao tratamento, em crianças diagnosticadas com diabetes <i>Mellitus</i> tipo 1 e com problemas de comportamento	- As rotinas das crianças podem mediar a relação entre os problemas comportamentais e a adesão ao tratamento - O envolvimento das crianças em atividades diárias aumenta a probabilidade de aderirem ao tratamento
Henderson et al. (2011)	N= 115 (58 com PEA; 57 s/PEA)	Analisar a relação entre as rotinas das crianças, o sono e o comportamento externalizado, em crianças com PEA e sem PEA	- A previsibilidade e estabilidade da rotina da hora de dormir estava positivamente correlacionada com a higiene e qualidade do sono, em crianças com PEA - Níveis mais baixos de rotinas infantis estavam associados a níveis elevados de comportamentos externalizados, em ambos os grupos - Níveis mais elevados de rotinas infantis estavam relacionados a níveis mais baixos de comportamentos externalizados, em crianças sem PEA

Bridley e Jordan (2012)	N= 131	Avaliar a relação entre as dificuldades da vida diária e os problemas de comportamento internalizado e externalizado, através das rotinas das crianças	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Foram encontradas diferenças significativas entre as dificuldades da vida diária e as rotinas das crianças no modelo internalizado, mas não no externalizado:</li> <li>- As rotinas infantis são um fator moderador das dificuldades da vida diária e dos problemas de comportamento internalizados</li> <li>- Crianças que apresentaram mais dificuldades da vida diária demonstraram menos comportamentos internalizados quando tinham rotinas diárias mais frequentes</li> </ul>
Prine (2012)	N= 121	Avaliar as rotinas das crianças como potencial mediador entre o conflito conjugal construtivo/destrutivo e o comportamento internalizado e externalizado da criança	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O conflito conjugal construtivo estava significativamente correlacionado com as rotinas infantis, no entanto a sua relação com o comportamento internalizado e externalizado era fraca e não significativa</li> <li>- O conflito conjugal destrutivo foi significativamente correlacionado com as rotinas infantis e com o comportamento internalizado e externalizado:</li> <li>- A relação entre as rotinas das crianças e o comportamento internalizado foi fraca e não significativa</li> <li>- A relação entre as rotinas infantis e o comportamento externalizado foi significativa. Assim, as rotinas das crianças demonstraram uma tendência significativa para mediar a relação entre o conflito conjugal destrutivo e o comportamento externalizado</li> </ul>
Pennick (2013)	N= 184 (45 PEA/Síndrome de Asperger; 49 PHDA; 45 Ansiedade/Depres são; 45 grupo de controlo	Investigar o impacto das rotinas infantis nos problemas emocionais/comportamentais, em crianças com diagnósticos clínicos (e.g., PEA/Síndrome de Asperger, PHDA, ansiedade/depressão)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Correlações significativas entre as rotinas infantis e os problemas de comportamento internalizado e externalizado em todos os grupos:</li> <li>- Crianças com elevados níveis de ansiedade/depressão apresentaram uma diminuição dos sintomas (internalizados) quando tinham níveis moderados de rotinas</li> <li>- Crianças com PEA/Síndrome de Asperger e PHDA demonstraram níveis mais baixos de sintomas (externalizados) quando tinham elevados níveis de rotinas</li> </ul>

Nymoer (2014)	N= 77	Avaliar os efeitos de um programa de intervenção para pais, nas rotinas das crianças com sintomas de PHDA	Os dados foram recolhidos antes e após a intervenção e demonstraram diferenças significativas nas rotinas das crianças: - Aumento considerável na quantidade de rotinas relatadas pelos pais, no pós-intervenção - Crianças do sexo feminino apresentaram ligeiramente mais rotinas do que as crianças do sexo masculino - Crianças com idades compreendidas entre os 9 e os 12 anos obtiveram valores mais elevados no fator Responsabilidades Domésticas, do que os mais jovens (5-8 anos)
Stoppelbein et al. (2016)	N= 90 (45 PEA; 45 desenvolvimento normativo)	Examinar se as rotinas infantis podem prever o desenvolvimento de sintomas internalizados e externalizados, em crianças com PEA e em crianças com desenvolvimento normativo	- Nas crianças com desenvolvimento normativo, as rotinas infantis não apresentaram uma correlação significativa com os sintomas internalizados ou externalizados - Nas crianças com PEA as rotinas infantis demonstraram uma relação (curvilínea) significativa com os sintomas internalizados e externalizados: - Menor risco de desenvolver sintomas internalizados estava relacionado com níveis moderados de rotinas; e baixos/altos níveis de rotinas foram associados a mais sintomas internalizados - Maior risco de desenvolver sintomas externalizados estavam relacionados com níveis moderados de rotinas; e baixos/altos níveis de rotinas estavam associados a níveis mais baixos de sintomas externalizados
McRae et al. (2019)	N= 100 (50 PHDA; 50 PEA)	Compreender se os fatores parentais e contextuais (e.g., rotinas infantis) predizem o comportamento das crianças com PHDA e PEA.	- A relação entre as rotinas das crianças e o comportamento externalizado não foi significativa, em ambos os grupos - Níveis mais elevados de rotinas das crianças estavam associados a níveis mais baixos de problemas de comportamento internalizado, nos dois grupos - O efeito foi significativamente maior em crianças com PEA

Stoppelbein et al. (2019)	N= 126	Analisar o papel das rotinas infantis no desenvolvimento de comportamentos internalizados e externalizados em crianças com PHDA e altos níveis de ritmo cognitivo lento	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As rotinas das crianças estavam associadas aos comportamentos externalizados, mas não aos internalizados</li> <li>- Três fatores (Rotinas de disciplina, Rotinas da Vida Diária e Responsabilidades Domésticas) apresentaram correlações significativas com o comportamento externalizado: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Níveis mais elevados de rotinas de disciplina preveem níveis mais elevados de comportamentos externalizados</li> <li>- Níveis mais elevados de rotinas da vida diária e responsabilidades domésticas preveem menos comportamentos externalizados</li> </ul> </li> </ul>
McRae et al. (2020)	N= 300	Avaliar um modelo que inclui diversas variáveis parentais e contextuais (e.g., angústia parental, práticas parentais, rotinas das crianças) e os seus potenciais efeitos diretos e indiretos, sobre o comportamento internalizado e externalizado em crianças com PHDA	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As rotinas das crianças foram significativamente associadas à angústia parental, práticas parentais e comportamentos internalizados e externalizados em crianças: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Níveis mais baixos de angústia parental (ansiedade e depressão) estavam relacionados a níveis mais elevados de rotinas infantis</li> <li>- Níveis mais elevados de rotinas infantis foram associados a níveis mais baixos de práticas parentais negativas</li> <li>- Níveis mais elevados de rotinas foram também correlacionados a níveis mais baixos de práticas parentais afetivas e solidárias</li> <li>- Níveis moderados de rotinas das crianças predizem menos problemas de comportamento infantil</li> </ul> </li> </ul>

*Nota.* Todos os autores, com exceção de Nymoen (2014) (que aplicou a versão islandesa do CRQ), utilizaram a versão original do CRQ (Sytsma et al., 2001).

## **Anexo B**

### **Análise descritiva dos itens do CRQ-PT**

As rotinas da criança em idade escolar: Um estudo de adaptação e validação da versão portuguesa do *Child Routines Questionnaire*

Item	<i>M</i>	<i>DP</i>	Mín-Max	Moda	Assimetria	Curtose
1	3.72	0.53	2-4	4	-1.77	2.30
2	3.32	0.83	0-4	4	-1.19	1.44
3	2.97	0.89	0-4	3	-0.79	0.91
4	2.11	1.04	0-4	2	-0.27	-0.48
5	1.91	1.00	0-4	2	0.18	-0.46
6	3.72	0.65	0-4	4	-3.18	12.89
7	3.77	0.51	1-4	4	-2.62	8.68
8	2.53	0.98	0-4	2	0.03	-0.71
9	3.48	0.70	1-4	4	-1.16	0.73
10	1.92	1.45	0-4	0	-0.08	-1.36
11	3.63	0.58	2-4	4	-1.33	0.80
12	3.39	0.81	1-4	4	-1.18	0.64
13	3.83	0.41	2-4	4	-2.19	4.07
14	3.47	0.67	1-4	4	-1.09	0.87
15	2.86	0.97	0-4	2	-0.29	-0.72
16	3.63	0.56	2-4	4	-1.24	0.58
17	3.50	0.80	0-4	4	-1.62	2.59
18	2.71	0.97	0-4	3	-0.26	-0.58
19	3.19	0.90	0-4	4	-1.04	0.74
20	0.86	1.02	0-4	0	1.24	1.14
21	3.68	0.54	2-4	4	-1.51	1.39
22	2.36	0.93	0-4	2	-0.18	0.00
23	2.65	0.93	0-4	3	-0.57	0.12
24	3.35	0.78	1-4	4	-0.96	0.18
25	2.95	1.07	0-4	4	-0.83	0.05
26	2.86	0.78	1-4	3	-0.36	-0.13
27	2.86	1.13	0-4	4	-0.89	0.13
28	2.66	0.95	0-4	2	-0.26	-0.16
29	3.71	0.53	2-4	4	-1.68	1.99
30	1.17	1.08	0-4	1	0.75	0.06
31	2.16	1.11	0-4	2	-0.20	-0.66
32	3.38	0.84	0-4	4	-1.61	3.41
33	0.50	0.88	0-4	0	1.88	3.03
34	3.29	0.86	0-4	4	-1.17	1.27
35	3.22	0.89	0-4	4	-0.96	0.48
36	3.18	0.85	0-4	4	-0.95	0.96
37	3.34	0.95	0-4	4	-1.55	2.11
38	3.59	0.85	0-4	4	-2.68	7.96
39	3.33	0.86	0-4	4	-1.61	3.24

**Anexo C**  
**Variância total explicada 12 componentes:**  
**Solução não rodada**

As rotinas da criança em idade escolar: Um estudo de adaptação e validação da versão portuguesa do *Child Routines Questionnaire*

Componente	Autovalores Iniciais			Somadas de extração de carregamentos ao quadrado		
	Total	% de variância	% cumulativa	Total	% de Variância	% cumulativa
1	6.96	19.32	19.32	6.96	19.32	19.32
2	3.26	9.07	28.39	3.26	9.07	28.39
3	2.29	6.35	34.74	2.29	6.35	34.74
4	2.15	5.98	40.72	2.15	5.98	40.72
5	2.00	5.56	46.28	2.00	5.56	46.28
6	1.52	4.23	50.51	1.52	4.23	50.51
7	1.44	4.00	54.51	1.44	4.01	54.51
8	1.29	3.58	58.09	1.29	3.58	58.09
9	1.23	3.42	61.51	1.23	3.42	61.51
10	1.10	3.04	64.55	1.10	3.04	64.55
11	1.05	2.93	67.48	1.05	2.93	67.48
12	1.04	2.87	70.35	1.04	2.87	70.35
13	0.96	2.66	73.01			
14	0.86	2.39	75.40			
15	0.84	2.33	77.73			
16	0.76	2.11	79.84			
17	0.72	2.00	81.84			
18	0.68	1.90	83.73			
19	0.61	1.70	85.43			
20	0.58	1.61	87.04			
21	0.49	1.37	88.40			
22	0.48	1.32	89.72			
23	0.44	1.21	90.93			
24	0.38	1.07	92.00			
25	0.37	1.04	93.03			
26	0.36	1.01	94.04			
27	0.34	0.96	95.00			
28	0.33	0.90	95.90			
29	0.30	0.81	96.71			
30	0.27	0.74	97.45			
31	0.22	0.61	98.06			
32	0.19	0.52	98.58			
33	0.16	0.45	99.03			
34	0.14	0.40	99.43			
35	0.12	0.33	99.76			
36	0.09	0.24	100.00			

## **Anexo D**

### ***Scree Plot do CRQ-PT***

